

UFF- UNIVERSIDADE FEDERAL
FLUMINENSE

ANA CLARA ARAUJO COSTA

Rota do Amanhecer: Pesquisa e Elaboração
Os caminhos de aprendizagem na inovação social brasileira

Niterói
2017

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

ANA CLARA ARAUJO COSTA

Rota do Amanhecer: Pesquisa e Elaboração
Os caminhos de aprendizagem na inovação social brasileira

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para a
obtenção do grau Bacharel em Produção
Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto F. Rodrigues

Niterói
2017

ANA CLARA ARAUJO COSTA

ROTA DO AMANHECER: PESQUISA E ELABORAÇÃO
Os caminhos de aprendizagem na inovação social brasileira

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para a
obtenção do grau Bacharel em Produção
Cultural.

Aprovada em 10 de julho de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Augusto F. Rodrigues (Orientador)
UFF - Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Wallace de Deus
UFF - Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Marcelo Mac Cord
UFF - Universidade Federal Fluminense

Aos sete bilhões de educadores em Terra,
aos seus ancestrais e seus descendentes.

Agradecimentos

Ao Professor Luiz Augusto primeiramente pelas aulas inspiradoras de gestão cultural ao longo da formação, e então pela orientação e paciência durante o encontro e construção deste trabalho.

Aos Professores Wallace de Deus e Marcelo Mac Cord que além de exímios educadores universitários, e examinadores deste trabalho, compartilham comigo por amizade inesquecíveis lições de vida.

Ao Professor José Pacheco pela solicitude em ensinar-me mais sobre as comunidades de aprendizagem e que pelo trabalho brilhante no chão das escolas me inspira a buscar mais.

A Toda a rede da BEM que na resistência do cotidiano faz este trabalho ter um sentido maior que um ideal.

A Aline Pereira, amiga e produtora ponta de lança que investe, como sabe e como pode, no legado de um movimento.

A Sergio Odilon pelo humor habitual, pelas leituras e tardes de ideia durante todo o processo de escrita.

A Maria Cavalcante pelo entusiasmo e partilha na busca por entender o objeto e transformá-lo em um projeto.

A Pedro Marzano pelas críticas ácidas, contundentes e amistosas durante o processo de elaboração do projeto.

A Rodrigo Vieira pela inspiração brilhante, firme, contraditória e complementar que me acompanha nos primeiros passos de pesquisa e sempre.

Aos meus pais que me receberam e me desabrocham com amor em suas vidas.

A minha avó Leda que apoia, acredita, e sempre espera o melhor de mim.

Ao meu avô Américo que me ensinou a nunca ter vergonha de perguntar para aprender.

Ao Ivan Cardoso meu companheiro na estrada da Rota do Amanhecer e na vida.

Resumo

O presente trabalho relata e investiga as bases teóricas e os processos de elaboração do projeto Rota do Amanhecer, assim como apresenta uma proposta executiva para sua realização. A inovação social como campo de investigação científica no Brasil ainda é pouco abordada, tendo em vista os impactos no desenvolvimento humano sustentável que suas iniciativas tem o potencial de produzir. O projeto em questão propõe uma pesquisa de campo que delineie um panorama da inovação social brasileira, a partir da perspectiva dos inovadores sociais e dos seus caminhos de aprendizagem. Nossa proposta é colocar em destaque os valores e processos que estruturam as ações inovadoras, abordando a aprendizagem como protagonista das transformações socioculturais tecidas pelas iniciativas. O objetivo da pesquisa de campo proposta é compreender as particulares estratégias de gestão e articulação do campo, fomentando a partilha de saberes entre diferentes atores sociais e áreas do desenvolvimento humano onde as inovações atuam.

Palavras chave: Inovação social, aprendizagem, gestão, desenvolvimento humano, colaboração, pensamento complexo.

Abstract

The present work reports and investigates the theoretical bases and the processes of elaboration of the Rota da Amanhecer project, as well as presents an executive proposal for its realization. Social innovation as a field of scientific research in Brazil is still little disc considering the impacts on sustainable human development that its initiatives hav potential to produce. The project in question proposes a field research that outlines a panorama of Brazilian social innovation, from the perspective of social innovators and their learning paths. Our proposal is to highlight the values and processes that structure the innovative actions, approaching learning as protagonist of the sociocultural transformations woven by the initiatives. The objective of the proposed field research is to understand the particular strategies of management and articulation of the field, fostering the sharing of knowledge among different social actors and areas of human development where innovations operate.

Key words: Social innovation, learning, management, human development, collaboration, complex thinking.

Lista de Ilustrações

Imagem 1 – Currículo Bacharelado Produção Cultural - Pag 23

Imagem 2 – Currículo Curso Dragon Dreaming - Pag 26

Imagem 3 – Currículo Educação Gaia – Pag 28

Imagem 4 – Mapa de iniciativas da Rota do Amanhecer – Pag 55

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 PROPOSTAS E OBJETIVOS DO PROJETO	11
2 PARTE I- MEMORIAL AFETIVO	12
2.1 CAPÍTULO 1 - CAMINHOS DE APRENDIZAGEM: A ROTA É COMPOSTA DE DIVERSOS PERCURSOS.....	13
2.1.1 ENTENDENDO A INOVAÇÃO SOCIAL	15
2.1.2 OS PRIMEIROS PASSOS	16
2.1.3 AUTONOMIA E PARTICIPAÇÃO RESPONSÁVEL NA APRENDIZAGEM	19
2.1.4 A FORMAÇÃO TEÓRICA:PRODUÇÃO CULTURAL E PROJETOS COLABORATIVOS	22
2.1.5 CULTURA E DESENVOLVIMENTO HUMANO NA TRANSIÇÃO DE PARADIGMAS	29
2.1.6 COLOCANDO AS IDEIAS EM PRÁTICA E DESENVOLVENDO A ROTA	33
2.1.7 GESTÃO DA INOVAÇÃO SOCIAL: COMPREENDENDO O CAMPO E CONECTANDO OS PONTOS	38
2.2 CAPÍTULO 2 - INOVAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA: PESQUISANDO OS SABERES DO CAMPO	40
2.2.1 A INOVAÇÃO SOCIAL	40
2.2.2 AS INICIATIVAS	42
2.2.3 PANORAMA BRASILEIRO	44
2.2.4 AS INICIATIVAS SELECIONADAS	45
2.2.5 OS INOVADORES E SEUS CAMINHOS DE APRENDIZADO	47
2.2.6 O ESTÍMULO À COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM	49
3 PARTE II- PROPOSTA EXECUTIVA	
PROJETO ROTA DO AMANHECER	50
4 CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	60

Introdução

A Inovação Social evolui como campo de reflexão de maneira rápida e recente, datando seus primeiros esforços de conceituação da primeira década do séc. XXI. No entanto, mesmo reunindo em torno da sua discussão cada vez mais pesquisadores, empreendedores sociais e pessoas interessadas no tema, o assunto ainda se mostra pouco abordado, tendo em vista o seu potencial de impacto na concepção de um desenvolvimento humano sustentável, e na necessidade emergente de transformar as estruturas socioculturais em termos locais e globais.

Por serem novas soluções para antigos problemas ou necessidades sociais, as Inovações Sociais buscam resolver de forma sistêmica um problema social. Suas iniciativas se propõem a gerar soluções efetivas para a questão, uma vez que trabalham novas perspectivas sobre o desafio específico no qual atuam. Tangenciando um conjunto de questões que interconectadas compõe a resolução do problema em si. Ademais, geram a apropriação da solução através da aprendizagem pela colaboração da comunidade envolvida.

Neste trabalho abordamos as bases teóricas e a elaboração do projeto Rota do Amanhecer em um memorial reflexivo, baseado no meu caminho de aprendizagem pessoal na construção dessa pesquisa de campo. Assim como nos conhecimentos acadêmicos que embasam a formatação atual do projeto.

A Rota se propõe a traçar um breve panorama do desenvolvimento da inovação social no Brasil. Nossa proposta é realizar uma pesquisa experimental itinerante, visitando iniciativas de inovação social, instituições de referência na área e organizações governamentais que apoiam o avanço das iniciativas por todo o país. Nosso objetivo, além de obter dados e informações sobre as atividades e o funcionamento dos espaços e organizações mapeados, é principalmente coletar a narrativa das experiências profissionais, de pessoas e grupos que se dedicam a construir e realizar essas inovações na prática. O que denominamos em nossa pesquisa como Caminhos de Aprendizagem.

Como produto final desta jornada, temos o objetivo de realizar um documentário longa metragem, com o registro do percurso, das entrevistas, e dos dados coletados. Compartilhando com toda a rede uma perspectiva do cenário atual da inovação social no Brasil, colocando em destaque os valores, processos e a aprendizagem que compõem a construção das inovações.

Este trabalho está dividido em duas partes, a primeira contendo dois capítulos, corresponde a um memorial reflexivo onde exponho meus aprendizados em pesquisa e formação preliminar para a elaboração deste projeto, assim como as bases teóricas que estruturam a proposta de ação.

No primeiro capítulo faço um breve relato das minhas experiências de aprendizagem sobre o campo, desde as minhas primeiras percepções, até meu envolvimento na construção de iniciativas de inovação social no meu bairro, que impulsionaram a criação deste projeto. Pontuo entre esses relatos reflexões teóricas sobre aprendizagem, cultura, transição de paradigmas, desenvolvimento humano sustentável, e gestão da inovação social. Pontos esses que embasam a minha atual visão do campo, e que tornam a elaboração desta pesquisa a busca por mais compreensão dos elementos polissêmicos que compõem esse contexto.

No segundo capítulo exponho as bases teóricas do projeto, analisando a estrutura das inovações sociais: uma perspectiva para sua abordagem teórica, os critérios de seleção das iniciativas visitadas, a definição de cada uma das cinco categorias de pesquisa elencadas, a metodologia de pesquisa que será utilizada, e uma reflexão sobre o fomento a uma comunidade de aprendizagem como objetivo do projeto.

Na segunda parte do trabalho, que corresponde a proposta de execução e viabilidade do projeto Rota do amanhecer, apresento o mapeamento das iniciativas, instituições e organizações a serem visitadas, o cronograma e roteiro de viagem, uma planilha de recursos necessários para execução do projeto, e nossas estratégias para viabilidade financeira.

Proposta e objetivos do Projeto:

O projeto Rota do Amanhecer é uma pesquisa de campo que investiga a Gestão da Inovação social no Brasil pela perspectiva dos Inovadores e dos seus Caminhos de Aprendizagem.

A primeira fase da pesquisa de campo tem como perspectiva abordar num período aproximado de seis (06) meses cerca de dez (10) iniciativas em cinco (05) categorias diferentes de inovações: Educação Integral e alternativa; Espaços de colaboração e conhecimento; Ecovilas e Comunidades; Tecnologias e Negócios Sociais; e Mestres e Artesão da Cultura tradicional.

Nossa proposta é documentar o percurso de forma experimental nas mídias através de um canal no youtube e um blog que funcionem como diário de bordo durante o percurso. E posteriormente à pesquisa de campo, editar um documentário longa metragem com o resultado das visitas as iniciativas e as entrevistas aos inovadores.

Nossos objetivos são:

- . Conhecer e partilhar saberes e desafios da Gestão da Inovação Social no Brasil.

- . Utilizar mapeamentos realizados por instituições de pesquisa no setor para registrar um breve Panorama Brasileiro da Inovação Social, pelo viés dos valores que os pautam e dos processos que os estruturam.

- . Colher as experiências práticas e subjetivas nos inovadores de vanguarda a partir do conhecimento sobre os seus caminhos de aprendizagem.

- . Fortalecer, pela disseminação do conhecimento, o surgimento de uma comunidade de aprendizagem entre os inovadores e o desabrochar de mais iniciativas pelo encorajamento de inovadores em potencial.

PARTE I - MEMORIAL AFETIVO

Capítulo 1- Caminhos de Aprendizagem: A Rota é composta de diferentes percursos

Há alguns dias uma amiga, inovadora social, participou de uma dinâmica de mentoria para gestão da sua iniciativa e compartilhou comigo a seguinte pergunta à fizeram: Qual o protagonista do seu projeto?

Pensei primeiramente que era a inovação social, ou as iniciativas e os benefícios sociais que elas realizam. Mas logo percebi que não se tratava exatamente disso. Depois pensei serem os inovadores, suas experiências na prática das ações, seus saberes e seus desafios. E senti que havia me aproximado do real protagonista da Rota do Amanhecer. No entanto entendi, observando mais profundamente, que o sentido do que a pesquisa se propõe a realizar, é o de uma reflexão sobre os processos de aprendizagem.

A aprendizagem que o campo da Inovação Social proporciona. De diferentes formas e em diferentes níveis: do pessoal ao coletivo, do local ao global, da organização ao impacto, do antigo paradigma ao um novo. E das transformações socioculturais que a aprendizagem por meio das iniciativas de inovação tem o potencial de operar na construção de um desenvolvimento humano sustentável.

Por isso este projeto propõe uma escuta dos atores sociais que constroem cotidianamente o campo pela sua prática. Uma escuta dos impactos pessoais de se dedicar, ao desenvolvimento de estruturas novas, pouco vistas e experimentadas. Das interações entre as experiências, que têm e tiveram ao construir iniciativas inovadoras, e as suas próprias percepções e histórias de vida.

Para denominar essa interação cunhei o nome Caminho de aprendizagem, que diz respeito a um conjunto de experiências, conhecimentos, percepções e reflexões sobre os processos vividos nesse diálogo, entre o eu, o nós e o todo. Juntos realizando um saber sui generis, consciente e prático sobre o que é uma inovação social.

Quando intencionamos adquirir um novo saber, ao qual não compreendemos ainda, entramos no caminho de aprendizagem. Criamos novos roteiros cognitivos que se formam na

relação com o meio, para incorporar, de maneira assimilável, ao nosso repertório as novas experiências vividas.

Ao longo da vida percorremos diversos caminhos de aprendizagem, registrando de forma singular a composição do conhecimento com base, simultaneamente, nas memórias afetivas e impressões intelectuais. Todos temos nossos conjuntos de caminhos, que se misturam à caminhada de vida, construindo nossa história pessoal e nossa relação com o mundo a partir das experiências que absorvemos e produzimos em nosso cotidiano.

A importância de conhecer a multiplicidade dos caminhos de aprendizagem na inovação social brasileira reside no fato de poder, a partir do prisma de diversos atores sociais que trilham essa estrada, construir coletivamente um olhar próprio à esse campo do saber, que floresce verdadeiramente por meio da experiência prática e hoje se mostra tão crescente quanto necessário à concepção de um desenvolvimento humano sustentável.

A Rota do Amanhecer, projeto proposto neste trabalho, é um exercício do olhar e da escuta. Fazendo emergir um sentido sobre os caminhos de aprendizagem que trilhamos atualmente e qual temos a aptidão de trilhar como país quando o assunto é inovação social. Em razão disso, a Rota é composta da reflexão sobre caminhos de aprendizagem individuais e coletivos, que em interação, vão formar a narrativa desta pesquisa.

Ao menos quatro caminhos podem ser destacados nas relações que a pesquisa propõe:

O dos inovadores na sua relação com as iniciativas; trazendo à tona suas experiências de vanguarda, suas particulares construções de saberes, os desafios específicos do campo, as diferentes visões da gestão da inovação social, o impacto de investir na construção desse campo no Brasil.

Os aprendizados da sociedade na sua relação com a inovação; no conhecimento de novas soluções para antigos problemas, na mudança de percepção sobre os arranjos sociais, no exercício de novos hábitos, e na apropriação das soluções pelos beneficiados e na construção de novas estruturas sociais.

O caminho que inovadores em potencial podem ter com a Rota; no contato com diversas experiências, na percepção de uma rede visível e forte, em contato com referências de gestão em diferentes áreas específicas da inovação social, ganhando maior potência de formação, e tendo em vista o foco nos valores e processos que compõem as iniciativas.

E do meu próprio caminho de aprendizagem com essa pesquisa; descobrindo o campo, entendendo suas relações e ferramentas, vivenciando diferentes tipos de práticas e construindo este projeto.

Cada um destes caminhos expõe, como um fractal, uma riqueza própria de si na qual reflete também a riqueza do todo. Com este estudo-memorial busco expor as formas com que essa pesquisa reflete o campo da inovação social e se propõe a tangenciar suas riquezas, contribuindo para conectá-las na prática e também na teoria.

Neste capítulo compartilho, de forma resumida, meu caminho de aprendizagem pessoal sobre o campo da inovação social e a construção do projeto Rota do amanhecer até o presente momento. Colocando minhas experiências pessoais em interface com as conceituações teóricas que embasam o planejamento desta pesquisa.

Encontrando a Inovação Social

Muito do meu caminho para chegar ao termo inovação social foi intuitivo. Durante bastante tempo procurei compreender o que me conectava a todas as áreas pelas quais eu tinha interesse. Para mim era claro que havia um fio condutor entre minhas experiências com educação infantil e empreendedorismo social por exemplo, ou entre moda e produtos de limpeza. No entanto, mesmo sabendo que ele estava ali (o fio condutor), ajudando a ancorar as minhas escolhas, eu não sabia como encontrá-lo, e descrevê-lo.

Aos poucos fui estudando, pesquisando, praticando e encontrando pessoas e conectando os pontos. Pontos esses que eu não poderia ligar apenas pelo conhecimento que eu alcançava até aquele momento, mas principalmente por ter em mente que tipo de aspecto e vibração correspondiam ao movimento que eu estava procurando.

Por algum tempo pesquisei com a certeza do objeto, mas sem saber exatamente do que ele se tratava. Acredito que isso faça parte do espírito da ciência. No início da escrita deste memorial eu buscava *“conhecer e documentar iniciativas inovadoras e criativas, que estão transformando a nossa forma de pensar e construir o mundo. Propostas voltadas para princípios e valores de um novo paradigma. Baseadas no cuidado, na colaboração, na autonomia, sustentabilidade, no desenvolvimento integral, nos recursos e alternativas”*.

Minha pesquisa tinha como um dos seus objetivos esclarecer este conjunto de fatores em um termo que reunisse iniciativas com essas características, se possível, em um só campo.

Eu achava, de certa forma, que teria um esforço similar ao de denominar aquele objeto circular que otimiza o deslocamento dos corpos quando posicionado apropriada e estrategicamente em suas bases. E que alguém já denominou como roda.

Quando encontrei o termo inovação social e pude entender o que ele realmente significava, além de um grande alívio, senti que este trabalho passou a fazer um sentido maior, revelando que de fato o arranjo do conjunto de iniciativas com essas características formam o campo da inovação social. E que muitas pessoas já o constroem e estudam.

No entanto, sem uma pausa na minha prática para um estudo aprofundado sobre a teoria que existe atualmente sobre o tema eu não chegaria a essas conexões facilmente. E esse é um dos motivos pelo qual eu desenvolvi a Rota do Amanhecer. Tanto porque quero aprender pessoalmente e contribuir para a estruturação do campo da inovação social, quanto porque gostaria de contribuir com os caminhos de aprendizagem de outros inovadores em potencial, auxiliando na compreensão mais clara e objetiva sobre o tema em diferentes perspectivas, mas principalmente pela ótica da gestão da inovação social no Brasil.

Ao abordar a inovação social como tópico de pesquisa percebo a crítica de outros pesquisadores como de que faltam ainda muitas informações sobre a definição do tema, o que é natural, por se encontrar em um estado de ebulição construtiva. Por outro lado, no meu contato com o campo, a partir da formação como produtora cultural, me faz atentar também para as ainda poucas expressões de reflexão da práxis feitas pelos próprios inovadores, para além dos que se propõem a ser inovadores da gestão, como formas de melhor se operar nele, seja em seu contexto local, nacional ou global.

Para isso, a partilha de conhecimento entre pessoas do mesmo fazer, ou que querem se integrar a essas práticas é muito importante. O apoio mútuo numa comunidade de aprendizagem encoraja inovadores em potencial que podem se ver ainda ilhados em suas práticas ou sem um entendimento claro do que gostariam de realizar

Os primeiros passos - Das escolas à Batalha do Conhecimento

Meu caminho de aprendizagem com a inovação social se iniciou na escola, assim que eu entrei no segundo ciclo do ensino fundamental. Logo nos primeiros dias da então quinta

série, passei a ter um olhar completamente diferente sobre o ambiente escolar e toda a sua estrutura pedagógica.

Questionava a estrutura da aprendizagem nas aulas. As carteiras enfileiradas. Queria usar os cadernos de outras formas, anotar do meu jeito. Pedia aos professores para termos aulas na rua, ou ao menos no pátio, e mantinha o impulso de pensar sobre como nós alunos poderíamos aprender melhor, ou como poderíamos fazer para a escola ficar mais criativa. Observava a forma que cada professor dava aula e não raras vezes ia até eles com um feedbacks sobre a eficiência da sua didática para mim, e como eu achava que poderíamos melhorar. Pensava em uma escola mais participativa e buscava persistentemente colocar algumas dessas ideias em prática, sempre negociando com assistentes, professores, orientadores e a direção. Ocupava assim uma boa parte do meu tempo livre lá dentro.

Essas ideias culminavam em constantes mobilizações com meus colegas de turma, campanhas para mudança da posição das carteiras, votação para a personalização do uniforme, negociação de acordos para a utilização do material esportivo e quadra na hora do intervalo, e até a realização de peças de teatro para aula de português com patrocínio do comércio local.

Nessas mobilizações, eu constantemente me deparava com contradições “burocráticas” que atrapalhavam a aplicação dessas ideias, mantendo o modelo tradicional intacto, como: “Aqui na Coordenação não podemos resolver essa questão, você só poderá resolvê-la diretamente com o Diretor”. Para logo depois: “Você não pode procurar o diretor sozinha, assim está ultrapassando a hierarquia escolar, precisa resolver esse tipo de questão com a coordenação pedagógica”. E assim nada se resolvia de fato.

Esse posicionamento contraditório não fazia sentido para mim, uma vez que eu me sentia plenamente autorizada a propor uma reformulação nas estruturas naquele ambiente. Pela minha lógica, espontânea e inocente, se todo aquele aparato tinha como objetivo facilitar o aprendizado dos alunos, quem melhor que os estudantes para lhe propor melhorias?

Com o passar dos anos compreendi que aquela situação não seria modificada somente a partir de constantes reuniões com o diretor. Depois que fui reprovada na oitava série, por motivos desproporcionais, que hoje interpreto, em parte, como uma reação ao incômodo que eu causava a estrutura burocrática, minha relação com a escola mudou.

Me afastei da postura orgânica que eu mantinha anteriormente com o ambiente, passei a refletir sobre a estrutura escolar de forma mais introspectiva, sem mobilizações ou com uma verdadeira conexão com o espaço. A inocência e a espontaneidade de entender a aprendizagem como foco daquele trabalho morreu ali. Mas a partir disso passei a tentar

compreender a escola dentro da sociedade como um todo. Eu já não queria estar na escola, nem me integrar ao contexto como antes. Caminhei então para uma perspectiva distanciada, na qual eu procurava entender as conexões profundas trançadas pela educação entre o sistema social e a crença das pessoas. Aos quais eu não entendia muito, mas passei a observar.

A Batalha do Conhecimento.

Neste período passei a gostar muito de ouvir rap. Principalmente o produzido na cidade de Niterói como Black Alien, Speed Freaks e Quinto Andar. A partir dessas influências conheci a Batalha do Conhecimento e tive a oportunidade de ser aprendiz na sua equipe de produção.

A Batalha é um projeto cultural de fomento à cultura hip hop, tendo como ponto de partida as tradicionais batalhas de rimas entre MCs. Me encantei pelo projeto assim que o conheci pela sua proposta inovadora de substituir as rimas “de sangue”, baseadas em criativas ofensas pessoais, pelas rimas de conhecimento, no seguinte modelo: Ao início do encontro, público e MCs assistem a um documentário sobre a cultura hip hop. Logo em seguida começa o show onde 16 MCs batalham entre si utilizando as palavras que o público escreve em um quadro negro, inspirados, em sua maioria, pelo filme assistido no início do encontro. Vencia o MC que se saísse melhor nas rimas improvisadas.

Todo o modelo do evento exalava uma “mágica” até então inexplicável para mim. Imediatamente me tornei uma grande fã e num período de um ano frequentei os encontros o máximo que pude. Até que, por residir próximo ao MC Marechal (apresentador e idealizador da batalha) busquei a oportunidade de aprender e contribuir diretamente na realização do evento. Prontamente fui acolhida na equipe e comecei a receber as primeiras lições de produção cultural na prática. Na época, quando passei a integrar a equipe do projeto eu estava com 15 anos e cursava o primeiro ano do ensino médio.

Imediatamente, com essa oportunidade, a potência criativa de transformação da realidade que eu nutria ao pensar na educação avançou para fora da escola e passou para o campo cultural com o hip hop. Além da Batalha do Conhecimento, a produtora *um só caminho...*, também desenvolvia projetos em continuidade aos objetivos de fomento cultural, como o Hip hop nas escolas e o projeto Livrar (onde o MC Marechal recebe e faz doações de livros como ponto alto do seus shows). A participação direta na elaboração dessas ideias me

inspirava como modelo de educação, o qual eu buscava desenvolver, mas não compreendia, nem encontrava espaço na escola.

Essa experiência teve o efeito de um profundo empoderamento e reflexão para mim. Passei a enxergar a lógica sustentadora que pulsa por trás dos bastidores e ser também responsável pela construção de um campo cultural que até então eu apenas admirava. As lições sobre produção que eu recebia do MC Marechal eram recheadas de autodidatismo. E apesar da Batalha do Conhecimento ser uma competição, foi ali que eu comecei a aprender a desenvolver um projeto cultural baseado em valores como autonomia, colaboração, compartilhamento e sustentabilidade cultural.

Houve com o projeto Batalha do Conhecimento um despertar inicial para o funcionamento da organização do campo da cultura e de como os seus mecanismos estão profundamente envolvidos com o desenvolvimento humano em todos os seus aspectos, oxigenando as transformações socioculturais ao longo do tempo, que poderia acontecer de diversas formas, mas sempre envolvendo em algum aspecto a aprendizagem. Passei a entender mais sobre ferramentas da construção de projetos e percebi naquele momento que existia um campo profissional de pessoas envolvidas em fazer circular ideias, conceitos, experiências, práticas, recursos, reflexões e acessos aos bens produzidos culturalmente pela nossa sociedade.

Minha contribuição efetiva para o desenvolvimento da Batalha do Conhecimento foi por um curto período, pois em pouco tempo descobri a graduação em Produção Cultural pela UFF e decidi me profissionalizar no campo, passando a me preparar intensamente, para o ingresso na Universidade.

Autonomia e participação responsável na aprendizagem

Àquela altura eu não tinha consciência de que se tratava de uma aprendizagem dialógica, mas seus princípios pulsavam em mim intuitivamente com a certeza de “que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” (FREIRE, 1996, p.14). Com o passar do tempo, e das pesquisas, descobri que os principais valores que eu me esforçava para vivenciar na minha educação escolar, e que posteriormente pude encontrar na Batalha do Conhecimento, eram a Autonomia e a Participação Responsável. Esses dois valores, pressupostos para a realização de uma inovação

social, vão ser encontrados na prática em menor e maior grau de acordo com a proposta e o desenvolvimento espontâneo das iniciativas.

Autonomia, significa a aptidão ou competência para gerir sua própria vida, valendo-se de seus próprios meios, vontades e/ou princípios. O que entendo como a capacidade de estabelecer-se e sustentar-se, de si para si, na construção das suas práticas em diálogo com o mundo.

Paulo Freire fala da autonomia como um imperativo ético, no qual o respeito à autonomia do ser educando deve ser igualmente ao que o educador deve ter a si mesmo. Posto que o desrespeito “*da curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem (...), transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.*” (1996, p.60)

No entanto a autonomia verdadeira só se concretiza em diálogo com o mundo, pois “é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade.” (FREIRE,1996, p.18). Sendo assim, são nos embates da prática, no exercício de construção da realidade que nos rodeia que podemos conhecer nossas potencialidades e debilidades enquanto construtores.

Sobre a qualidade desse diálogo com o mundo surge o segundo grande valor da aprendizagem com potencial transformador. A Participação Responsável. A partir deste conceito como ponto de vista, não se pressupõe que participação e responsabilidade se fortaleçam mutuamente e em uma práxis única de forma espontânea. Sem antes uma reflexão do que isso significa efetivamente na construção pessoal ou coletiva, a participação pode se tornar vazia e a responsabilidade apenas mecânica.

Entendo a participação responsável como estar ciente de si enquanto indivíduo, como criador da realidade que o cerca e aos seus semelhantes. Significa procurar a melhor forma de interação prática entre a autonomia e as possibilidades individuais e o contexto social no qual se está inserido, levando em consideração as diferentes visões e elaborações do mundo entre os indivíduos em interação. Pressupõe-se nessa relação, a disposição dos envolvidos para com o seu próprio desenvolvimento pessoal e dos outros participantes, assim como ao do grupo enquanto comunidade, e do ambiente enquanto habitat da vida.

Esses dois valores, que deveriam ser a base para uma aprendizagem consciente abrindo ao indivíduo as possibilidades de diálogo, compreensão e construção da sua realidade, são negadas no modelo educacional que conhecemos. A escola atual não permite o espaço para o florescimento destas características. Muitas vezes ela cerceia qualquer intento, até mesmo dos alunos de desenvolver esses aspectos, enquanto afirma estar desenvolvendo

teoricamente através de métodos repressivos as mesmas características que suprime na prática. Em uma atitude hipócrita, o que realimenta essa hipocrisia na nossa sociedade.

O modelo tradicional, enfileirado, uniformizado, disciplinado e gradeado foi estruturado no séc. XIX, e veio à responder às questões sociais daquele tempo. No entanto hoje ainda permanece congelado como única opção viável, ou correta, ou adequada, ou possível no senso comum. Por qual motivo? Por outro lado, muitos educadores se propõem e propuseram, principalmente a partir do Séc.XX, a realizar mudanças nesta estrutura. Mas mesmo as reformulações que examinadas à luz da razão se mostram necessárias para a concepção de um verdadeiro desenvolvimento humano, quando aplicadas e/ou replicadas, muitas vezes acabam deturpadas em suas propostas originais.

Entendo atualmente que o motivo para que essas distorções aconteçam, não só na educação mas em todas as instituições sociais modernas, estejam nos paradigmas sociais profundamente enraizados nas crenças pessoais, o qual vamos nos aprofundar no tópico *Cultura e Desenvolvimento Humano na transição de Paradigmas*.

Entretanto para que possamos vivenciar a autonomia, a participação responsável, e também a solidariedade, como ressalta o Professor José Pacheco ao falar dos pressupostos da Escola da Ponte*, importantes valores que compõem um desenvolvimento humano sustentável, é necessário modificar a raiz e as estruturas das nossas instituições, abrindo espaço para que na prática da construção do mundo exista espaço para o exercício desses princípios.

A aprendizagem não está restrita à escola. E esse é um dos paradigmas que enrijecem as relações com a renovação do saber dentro do senso comum. É necessário desconstruirmos a ideia de que a educação está encarcerada em um espaço específico e à específica fase da vida. Segundo o professor José Pacheco “Numa aula nada se aprende” pois que “Escolas não são feitas de edifícios, mas sim de pessoas”. Sendo a escola, neste caso, o nodo de uma rede social onde o conhecimento verdadeiramente acontece.

Nessa perspectiva, abordo as inovações sociais a partir dos saberes exercitados da sua rede, precisamente por reconhecer suas iniciativas como dispositivos para se aprender em comunidade. Criando novas estruturas sociais que sejam capazes de responder a um desenvolvimento humano sustentável na prática das micropolíticas cotidianas.

*A Escola da Ponte, sediada em Portugal é uma instituição de grande referência em educação democrática no Brasil e no Mundo.

A Formação Teórica - Produção cultural e Projetos Colaborativos

Assim que descobri a existência de uma formação acadêmica em produção cultural na cidade onde eu moro passei a pesquisar tudo o que podia sobre a graduação. Imediatamente procurei saber mais sobre a sua proposta curricular enquanto já me preparava para prestar o vestibular. E apesar de ter me sentido plenamente satisfeita com a estrutura do curso pela UFF, busquei mais informações sobre outras possíveis formações.

Levantei a hipótese de cursar Pedagogia ou Ciências sociais, que poderiam ser opções de dialogar com a potência de transformação social prática, mesmo que indiretamente no meu objetivo, caso o curso que eu almejava não fosse possível. Percebia que essas duas formações compunham partes fundamentais para o tipo de conhecimento que eu estava buscando. Mas ainda assim eram abordadas em separado e faltando ainda um elemento prático de gestão, que naquele momento eu não sabia descrever. Além disso o fato destes campos já estarem bem estabelecidos em seus limites não me pareceu a melhor maneira de desenvolver uma formação dialógica voltada para a autonomia e a participação responsável como eu intuitivamente estava procurando.

Resolvi por mergulhar completamente na preparação para prestar o vestibular para Produção Cultural tendo como perspectiva que o papel do produtor vai além de eventos, produtos e bens culturais. Pela descrição do curso, ele me permitiria ainda assim uma integração acadêmica com outros campos, como a educação ou as ciências sociais por exemplo. Numa interlocução acadêmica que eu sabia ser necessária para encontrar os conhecimentos e a atuação que eu estava buscando, mesmo sem saber ainda defini-los com clareza.

Em março de 2011 comecei as aulas no IACS - Instituto de Artes e Comunicação Social da UFF. Ao entrar no curso pude de fato compreender a sua grade curricular. Antes de prestar o vestibular eu já havia pesquisado suas bases e objetivos, mas só adquiri o real entendimento do que significava uma vez que eu já estava cursando a graduação.

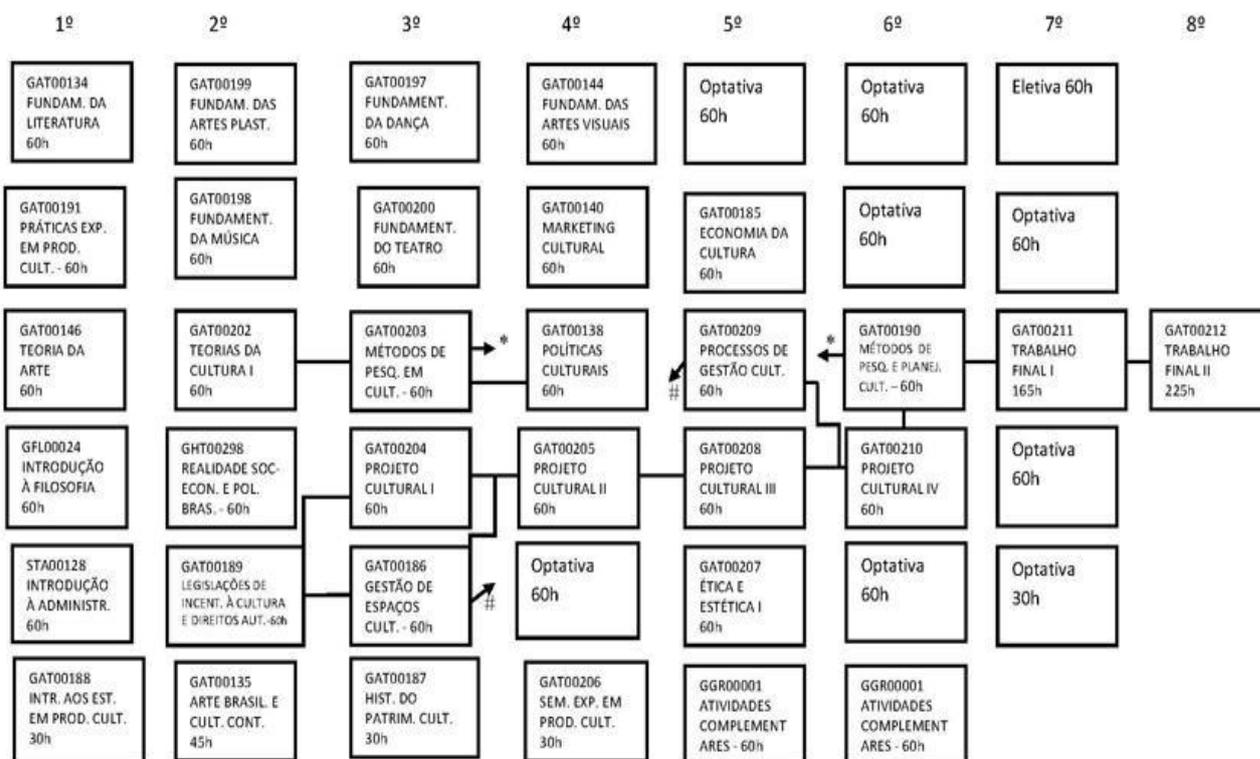
O momento que eu iniciei o curso foi muito oportuno para compreender logo de início as questões comumente debatidas sobre a formação no campo da Produção Cultural e para entender a estrutura daquele curso de graduação. Na ocasião a grade curricular estava sendo alterada e essas alterações foram amplamente debatidas entre gestão do curso e os alunos numa tomada de decisão conjunta, e um olhar reflexivo para os fazeres do produtor cultural.

Outro marco muito importante deste período para mim foi o debate sobre como seria conduzida a gestão do Diretório Acadêmico (DA) do Curso. Aquela foi a primeira vez que tive a oportunidade de entrar em contato com a idéia de gestão compartilhada. Tomando consciência da sua existência e observando diferentes posicionamentos, por parte dos alunos, quanto a sua viabilidade.

Passada a definição das alterações a grade curricular se estabeleceu como na imagem a seguir, onde a seguir esclareço brevemente sobre a estrutura da graduação:

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL-IACS

CURSO DE GRADUAÇÃO (BACHARELADO) EM PRODUÇÃO CULTURAL – Fluxograma vigente a partir de 2012



Carga Horária total: 2655 h, sendo 2025h em obrigatórias (das quais 390h são em Trabalho Final). As Optativas totalizam 570h (sendo 450h em disciplinas e 120 em AC). As Eletivas totalizam 60h.

Imagem 1 - Currículo Bacharelado Produção Cultural

A graduação em produção cultural está apoiada em três blocos básicos que norteiam as diferentes disciplinas: Fundamentos das artes; Teorias da Arte e da Cultura; e Planejamento e gestão cultural. Das 42 etapas (totalizando 2655 horas) do fluxograma acima: 12 etapas (totalizando 570 horas) são equivalentes a atividades complementares e matérias optativas e eletivas e 2 etapas são pertinentes a Trabalho Final I e II (totalizando 390 horas).

Destaquei esses dois conjuntos, que correspondem juntos a aproximadamente um terço da carga horária total de formação, pois eles ilustram a característica na flexibilidade da formação que o curso permite, uma vez que os aprendizados e pesquisas trabalhados nos respectivos momentos são baseados na escolha do estudante. Resulta deste processo uma formação dialógica que tem como base um amplo aspecto da organização da cultura e ramifica-se segundo a preferência profissional e de pesquisa do estudante, formando produtores equilibrados quanto a conhecimento para leitura do campo, mas engajados estruturalmente nas suas áreas de interesse, tão diversas quanto o próprio estudo da cultura.

Durante minha formação escolhi estender meu diálogo com a pedagogia, buscando aprofundar as relações entre educação e cultura na realização de projetos de transformação sociocultural. Procurava nas disciplinas o conhecimento sobre estruturas alternativas de aprendizagem. Em estudos como currículos, pedagogia por projetos, história da educação, didática e psicologia da educação, encontrei partes separadas do que eu procurava. Assim passei a unir os diferentes contextos e comecei a costurar a minha “colcha de retalhos” teórica.

Nas optativas cursadas em pedagogia pude entrar em contato direto com as questões que ocupavam minha mente na escola enquanto aluna. Matérias em que se discutia a flexibilização do espaço escolar e dos processos de aprendizagem: a democratização do ensino, a visão integral na formação do indivíduo, a aprendizagem indo além dos muros da escola e se desenvolvendo em rede. Exemplos de iniciativas democráticas e territoriais, como a Escola da Ponte e as Cidades Educadoras se tornaram guias referenciais para uma pesquisa que eu sabia não se limitar somente ao universo da educação, mas no entanto ainda não encontrava clareza para compreender e expressar.

Com o avançar da formação passei a compreender melhor os processos de gestão cultural e de projetos, sentindo a necessidade de buscar uma formação com conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento de projetos colaborativos os quais eu não encontrava na universidade. Eu estava empenhada a aprender como desenvolver projetos de transformação

sociocultural, e entendia que para frutificar ações realmente transformadoras, a raiz e o tronco motivadores dos projetos, deveriam também se desenvolver gerando transformação.

Esses conhecimentos, àquela altura, pareciam-se mais com pistas do que com uma visão geral sobre o tema. Existia um fio condutor de pesquisa o qual eu mesma não sabia descrever, mas identificava perfeitamente a sua composição verificando os conhecimentos que o participavam ou não.

Conforme eu fui me aprofundando nos conhecimento percebi que determinados temas do meu interesse eu não encontraria na academia naquele momento, então passei a buscar cursos nas áreas de desenvolvimento sustentável e design de projetos colaborativos que pudessem me esclarecer a construção de projetos transformadores por uma outra perspectiva.

Buscando os projetos colaborativos

Apesar da flexibilidade da graduação, ainda são escassas bases teóricas que dialoguem diretamente com ferramentas apropriadas para o que eu entendo hoje como gestão da inovação. Que pensem mais especificamente a estrutura do desenvolvimento das ideias e sua execução de forma horizontal e com fazer uma participação integral de todo o grupo em cada uma das etapas. Ou seja, com foco no processo.

Neste intuito passei a procurar cursos que tivessem uma formação voltada para a projetos colaborativos. Através de amigos que também se interessavam pelo tema e de redes sociais digitais passei a conhecer, e posteriormente cursar, o Dragon Dreaming e o Educação Gaia.

Esses dois cursos têm como base de suas ferramentas e filosofias a sustentabilidade. A partir do contato com o Dragon Dreaming, uma metodologia para desenvolvimento colaborativo de projetos, pude ampliar a minha visão sobre o que eu realmente estava buscando desenvolver como prática profissional e de pesquisa enquanto produtora cultural. Com o Educação Gaia, uma formação para design de comunidades, expandi a minha perspectiva acerca do desenvolvimento humano sustentável e das comunidades de aprendizagem unindo em um movimento único uma série de atividades as quais eu percebia a conexão mas não sabia até então descrever. No entanto, através destes dois cursos, a principal percepção que eu adquiri foi a consciência da trama cultural na transição de paradigmas sociais que vivemos como sociedade ocidental. E esta percepção foi fundamental para que

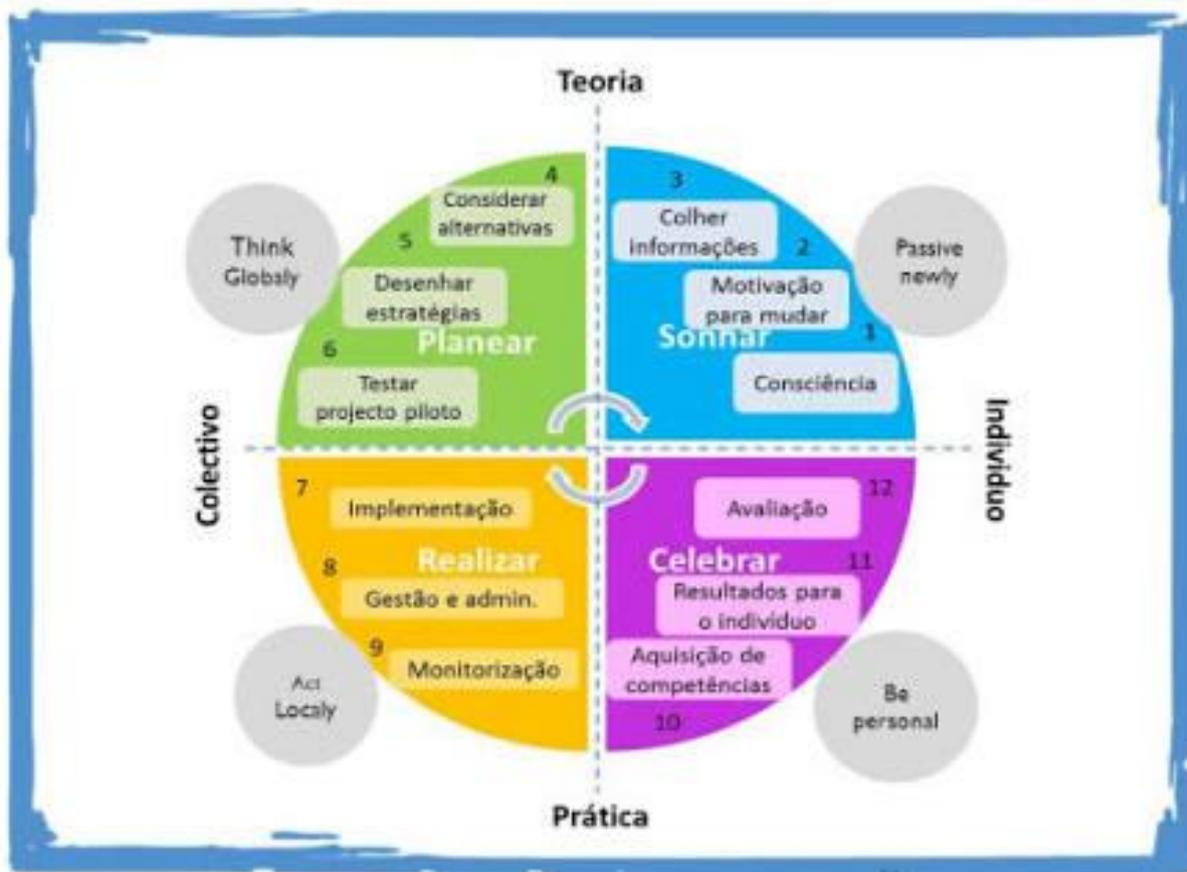
eu pudesse compreender que existiam pessoas pensando em meios de realizar uma mudança nos radicais das estruturas sociais pela própria construção de novas estruturas.

A partir da rede Gaia e Dragons Dreaming entrei em contato com diferentes metodologias para gestão de inovações em realização e desenvolvimento. No entanto especificamente essas duas foram fundamentais para o meu caminho de aprendizagem com as inovações sociais.

Dragon Dreaming

Em abril de 2014 participei pela primeira vez de um curso introdutório ao Dragon Dreaming. Segundo John Croft, idealizador da metodologia, o **Dragon Dreaming** é um sistema integrado e um método completo para a realização de projetos criativos, colaborativos e sustentáveis. Tendo três pontos como valores centrais: o crescimento pessoal de cada indivíduo, a educação da comunidade e a responsabilidade ativa para com a nossa terra.

Como Tecnologia Social a sua estrutura metodológica possui 120 processos, desenvolvidos a partir de uma mandala com quatro etapas e doze passos na imagem a seguir.



Apesar de algumas denominações das etapas no desenvolvimento dos projetos serem, até mesmo usuais na administração tradicional, a inovação do método está na forma com que as dinâmicas acontecem durante o processo, a partir de ferramentas específicas que buscam a integração horizontal, a participação e a autonomia no percurso.

Em um projeto Dragon Dreaming, tão importante quanto atingir o objetivo do projeto, é o fortalecimento da jornada individual de cada pessoa envolvida na equipe, compreendendo que tanto a individualidade quanto a comunidade são bens a serem preservados com igual intensidade. Uma das riquezas do Dragon Dreaming está justamente em sua abertura à co-criação, a partir da consciência de conexão com toda a vida e na cooperação e responsabilidade por uma transformação social saudável e pacífica.

Além de fazer o curso introdutório em 2014, participei por mais duas vezes como voluntária deste mesmo curso e também de cursos de aprofundamento na metodologia o que refletiu num conjunto de ferramentas práticas para o desenvolvimento de projetos e também em um contato maior com os participantes da rede.

Esse contato com a rede foi transformador para mim, pois de alguma forma eu me via ilhada com minhas ideias. Até então não observava ao meu redor pessoas que tivessem questões interiores semelhantes às minhas em relação ao desenvolvimento pessoal e profissional. Que tivessem o desejo de realizar projetos (sonhos) semelhantes aos meus.

No contato com a rede eu pude ver que diversas ideias que eu nutria já estavam acontecendo em lugares diferentes por pessoas que se encontravam ali, próximas a mim. Conheci neste contexto outros tantos buscadores. Pessoas que gostariam de transformar sua realidade, mas não sabiam bem como fazer. De diversas idades e formações profissionais, muitos buscavam uma transição de carreira, outros ainda em fase de uma primeira formação como eu.

Educação Gaia

No ano seguinte, em fevereiro de 2015, iniciei o Educação Gaia cursando o módulo social na Ecovila Terra Una em Liberdade-MG. O primeiro dos quatro oferecidos.

Segundo o site do Gaia Education o “Educação Gaia é um curso baseado num currículo criado pela equipe internacional de educadores GEESE (Educadores de Ecovilas do Mundo para um Planeta Sustentável), que há mais de 10 anos desenvolvem cursos em design

e desenvolvimento de assentamentos humanos sustentáveis. O currículo tem o endosso intelectual da UNITAR (Instituto para Treinamento e Pesquisa das Nações Unidas), que, atualmente, oferece cursos nos cinco continentes e é uma contribuição oficial à Década Internacional da Educação para o Desenvolvimento Sustentável da ONU (2005-2014).”

A organização do seu currículo, assim como no Dragon Dreaming, também é em forma de mandala, e é dividido segundo as quatro dimensões do desenvolvimento humano; Social, Econômico, Ecológico e Visão de Mundo.

“Cada dimensão contém cinco módulos, totalizando vinte áreas temáticas que estão interligadas entre si e entre as dimensões centrais. Essas áreas do currículo de referência foram traduzidas para o contexto da realidade brasileira” (Gaia Education).



Imagem 3 – Currículo Curso Gaia

Entre os seus objetivos o Educação Gaia busca educar para a transição para uma cultura sustentável integral, de alcance global, mas decididamente local em sua aplicação; e

combinar investigação teórica com trabalho prático, empoderando indivíduos, organizações e comunidades com o conhecimento necessário para o redesenho sustentável de suas realidades.

Ao participar do curso uma onda de empoderamento ainda mais forte passou a fazer parte de mim, uma vez que eu observei um sistema integrado de conhecimentos para a construção de uma realidade alternativa à estrutura social que construímos hegemonicamente.

Entre 2014 e 2015 quando realizei estes dois cursos, participei também de diversos encontros, congressos, rodas de conversa, visitei espaços de inovação como coworkings, ecovilas, escolas de educação integral etc. Essas experiências foram um marco para mim, pois eles me deram, além de pontos de vista teóricos mais amplos dentro do que eu estava buscando, também, ferramentas práticas e a perspectivas para desenvolver os projetos de desenvolvimento humano sustentável que eu almejava, na minha própria comunidade.

Cultura e Desenvolvimento Humano na transição de paradigmas

Vivenciamos um período de crise generalizada, com alcance global, e nós sociais que perpassam todos os setores do desenvolvimento humano. Crises climáticas, deslocamentos em massa, o uso dos combustíveis fósseis, armamento nuclear, alimentos, oceanos e terras contaminadas, fome, lixo espacial e uma lista de desafios que cresce vertiginosamente. Essas crises, interdependentes e interconectadas, estão chegando um alto grau de complexidade, com diferentes possibilidades de colapso iminente, trazendo consigo todas as complicações consequentes do que a tempos vem sendo anunciado como possíveis catástrofes por diversos estudos, tanto das ciências sociais quanto da natureza, ao longo do Século XX.

Segundo alguns autores, em especial Fritjof Capra e Edgar Morin, os quais tomei como referência neste estudo, a essência comum destas múltiplas crises é a causa-consequência de vivermos uma transição entre o antigo/hegemônico paradigma funcionalista newton-cartesiano (ou simplista), para um novo paradigma, o da complexidade. Dentro desta perspectiva, nos encontramos em um limiar de transformação sociocultural de como viver no planeta, que nos coloca entre realizar uma profunda mudança na lógica com a qual lidamos com a vida em escala global, ou concretizar um catastrófico cenário de colapso ambiental, econômico e social a nível planetário.

Na descrição de Thomas Kuhn (2005), “o termo paradigma (do grego *parádeigma*: modelo, padrão, exemplo) é a visão de mundo que assegura a uma comunidade científica suas abordagens de investigação. São, portanto, realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante certo período de tempo, fornecem modelos de problemas e soluções para uma comunidade de praticantes da ciência.”.

Enquanto os paradigmas científicos dizem respeito às verdades aceitas como bases de construção da ciência, os paradigmas sociais correspondem a construção das verdades socioculturais que fundamentam as relações e estruturas sociais. Ou seja, elas são o arcabouço geral de crenças que estruturam a cultura.

Nesse caso o paradigma funcionalista, ou simplista, ainda hegemônico como paradigma social, está baseado na visão científica Newton-Cartesiana, na qual "Segundo a mecânica newtoniana, o mundo da matéria é uma máquina cujas operações podem se determinar exatamente por meio de leis físicas e matemáticas, um mundo estático e eterno a flutuar num espaço vazio, um mundo onde o racionalismo cartesiano se torna cognoscível por meio da decomposição das partes." (CAMPOS, 1997,s/p).

Como consequência deste pensamento tem-se a composição de uma cultura ocidental, nos últimos trezentos anos, baseada no paradigma social “da crença de que o método científico é a única abordagem válida do conhecimento; na concepção do universo como um sistema mecânico composto de unidades materiais elementares; a concepção da vida em sociedade como uma luta competitiva da existência; a crença do progresso material ilimitado a ser alcançado através do crescimento econômico e tecnológico.” (CAPRA, 1982, s/p)

A cristalização dessas características tem como consequência a exacerbada crença nos valores funcionalistas, que somada à supressão de culturas divergentes e à lógica simplista pelo processo civilizatório, seguida de uma globalização econômica estruturada com base nos mesmos moldes paradigmáticos, tem levado a um formato de desenvolvimento que, além de não permitir ao ser humano se desenvolver para além da perspectiva econômica e técnica, ainda nos levaria a iminência de uma auto extinção.

Felizmente “Nas décadas mais recentes, concluiu-se que todas essas ideias e esses valores estão seriamente limitados e necessitam de uma revisão radical” (CAPRA, 1982, s/p), fazendo emergir pelas das rachaduras cada vez mais evidentes causadas pela incongruência do paradigma anterior, teorias e práticas inovadoras que trazem na sua construção os valores e ferramentas para a experimentação e assimilação do paradigma complexo, fazendo com que ele possa ser assimilado pela cultura.

O paradigma complexo, assim como o funcionalista, é inaugurado por uma visão científica, e somente então passa a ser incorporado progressivamente pelos paradigmas sociais, sendo estes baseado principalmente nas descobertas quânticas da física na primeira metade do Séc. XX. A partir dessa mudança a teoria atômica newtoniana perdeu o status de verdade absoluta abrindo espaço para uma visão menos previsível e dualista do universo em todas as ciências.

Com essa mudança de perspectiva, um novo conjunto de verdades vem sendo cada vez mais aceito e praticado, onde na ciência

a visão do corpo humano como uma máquina e da mente como uma unidade separada está sendo substituída por outra, para qual não apenas o cérebro, mas também o sistema imunológico, cada tecido corporal e até mesmo cada célula é um sistema vivo e cognitivo. A evolução não é mais considerada como uma luta pela existência, mas em vez disso, é reconhecida como uma dança cooperativa na qual a criatividade e a constante emergência da novidade são as forças propulsoras. E, com a nova ênfase na complexidade, nas redes e nos padrões de organização, uma nova ciência das qualidades está lentamente emergindo (CAPRA, 2014, p.14).

Observando suas bases, claramente o pensamento complexo contrapõe-se ao simplificador, no entanto é um engano pensar que conduza à eliminação da simplicidade. Segundo Morin ela – a complexidade - realmente surge na falha da simplicidade, mas integra tudo aquilo que põe ordem, clareza, distinção precisão no conhecimento. O pensamento complexo agrega todos os possíveis modos simplificadores de pensar, mas não dá espaço às implicações redutoras, unidimensionais, mutiladoras, enquanto o pensamento simplificador desfaz a complexidade da realidade.

Todo este movimento entre transição de pensamentos organizadores da leitura da realidade, opera-se no campo da cultura. Onde se operam, da mesma forma, toda a rede de sentidos que organizam a experiência da vida humana e da sua relação com a Terra.

Segundo Geertz (2008, s/p), a cultura é um "padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação a vida." Portanto esta referida mudança de perspectivas apontada na transição de paradigmas, se realiza no microcosmo das relações íntimas e interpessoais (locais), para então se concretizar no macrocosmo dos grandes movimentos sociais e reformas institucionais (globais).

Na ponta do microcosmo local está a consciência sobre qual tipo de pensamento está sendo a base para orientar as nossas mais simples ações cotidianas (locais). Este é um grande passo para construirmos a realidade que desejamos. Um posicionamento de compreensão simples, mas de aplicação complexa, uma vez que, por nos constituirmos em diálogo com a cultura na qual fomos socializados e estamos imersos, tendemos a reproduzir os atavismos habituais da sua lógica. Necessitando assim de um profundo trabalho de auto-reflexão para que possamos identificar em nós as lógicas funcionalistas negativas que reproduzem diversos problemas estruturais do qual participamos à construção e substituí-las progressivamente por percepções alinhadas com novas lógicas estruturantes de possíveis soluções.

Em contraposição, e completude, ao sentido micro-consciente de transformação local está à consciência macro do Desenvolvimento Humano Sustentável a nível global. Alinhado com a visão integral das dimensões humanas e da natureza e apoiado sobre os pilares social, econômico, ecológico e cultural.

Inicialmente o desenvolvimento humano era pautado sem o conceito de sustentabilidade, e se focava no processo de ampliação das liberdades das pessoas, com relação às suas capacidades e as oportunidades a seu dispor, para que elas possam escolher a vida que desejam ter. Posteriormente esta visão foi ampliada incluindo a sustentabilidade, onde, o DHS (Desenvolvimento Humano Sustentável).

procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades, significa possibilitar que as pessoas, agora e no futuro, atinjam um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais.” (Relatório Brundtland - ?? ver como ficou a referência bibliográfica e colocar do mesmo modo aqui. incluir ano e página)).

A consciência do DHS a nível global une ativistas, movimento sociais, instituições e alguns governos em um pressionamento para que sejam cumpridos e realizados acordos globais ecológicos, sociais, culturais e econômicos no fomento de uma concretização real destes objetivos.

Por fim, estando entre as ações de transformação que acontecem a nível micro e o macro, apontamos como catalisadoras e pontes das ações em cada uma dessas instâncias, as iniciativas de Inovação Social. Em suas características engajadas ao pensamento complexo, elas marcam o eixo micro/macro e iniciativa/impacto costurando nas suas práticas a interação entre atores sociais de diferentes âmbitos que operam em territórios de múltiplas escalas,

possibilitando a formação de novos sentidos para as construções e relações sociais. Aprofundaremos este tema no próximo capítulo, onde explicitamos a abordagem que o projeto Rota do Amanhecer do campo da Inovação Social.

Colocando as Ideias em Prática e Desenvolvendo a Rota

Depois de ter reunido as ferramentas teóricas e práticas na universidade e nos primeiros cursos e vivências de inovação social dos quais participei, eu estava me sentindo segura e superestimada a colocar minhas ideias em prática no bairro onde moro em Niterói. Há essa altura já trazia em mente as referências tanto da educação integral quanto do desenvolvimento colaborativo e desejava iniciar um projeto baseado nestes valores, mas ainda não sabia por onde começar para colocar esses conhecimentos em prática.

Neste momento começaram as minhas primeiras reflexões sobre a Rota do Amanhecer. Pois mesmo tendo reunido informações e as ferramentas para o desenvolvimento de inovações (projetos colaborativos enfim), ainda não sabia muito bem como iniciar um projeto deste tipo. Sentia necessidade de conhecer outras iniciativas, o trabalho prático que já vinha sendo desenvolvido por inovadores sociais, percebia que outros tantos parceiros de curso também se sentiam assim. Estimulados, munidos de informação mas sem clareza sobre como iniciar sua trilha. Comecei então a imaginar como poderia ser um projeto para aprender mais sobre o assunto, que naquele momento estava ainda bastante difuso entre diversos campos. Percebia também essa insegurança em outros participantes da rede, e isso fortalecia a ideia de realizar uma pesquisa de campo sobre o tema.

No entanto no segundo semestre de 2014 voltei a interagir com a produção da Batalha do Conhecimento, que estava sendo coordenada pela produtora Aline Pereira. Meu encontro com a Aline foi muito significativo para mim de forma integral, mas principalmente porque eu pretendia desenvolver um projeto colaborativo no Engenho do Mato (bairro onde moro), mas não fazia ideia de que poderia já existir algo sendo feito. A partir do meu contato com ela passei a conhecer a Roda Cultural do Engenho do Mato e a BEM - Biblioteca Comunitária do Engenho do Mato. Duas iniciativas irmãs de inovação social que já estavam acontecendo na vizinhança e eu desconhecia. Assim que conheci o projeto eu encontrei bem mais do que

podia imaginar existir na minha própria comunidade e iniciei uma nova fase de grandes aprendizados

A BEM

“A BEM - Biblioteca Engenho do Mato é uma biblioteca comunitária autogestionada por voluntários em uma ocupação no bairro do Engenho do Mato, na Região Oceânica de Niterói. Localizada na Rua 50, s/nº em frente à Praça Irênio de Mattos Pereira (Praça do Engenho do Mato), a ocupação tem como objetivo reativar um espaço público que permaneceu fechado por cerca de 10 anos. Aproximadamente 30 voluntários, moradores do bairro, participam efetivamente da autogestão da biblioteca em 2016, e centenas de jovens são beneficiados com a iniciativa.

Originada em 2013, com a Roda Cultural do Engenho do Mato, a biblioteca começou com 20 títulos e atualmente abriga mais de três mil obras no acervo que foi arrecadado na comunidade durante três anos, em um movimento espontâneo "de baixo para cima".

Como a sua estrutura é totalmente horizontal, além de uma biblioteca comunitária, a Biblioteca Engenho do Mato (BEM) também funciona como um catalisador de projetos e de voluntários interessados na prática da autogestão.

Todos os voluntários são moradores ou tem algum laço afetivo com o bairro, em sua maioria são educadores, estudantes e ativistas em busca de novas oportunidades de aprendizado. Por isso, seria possível considerar o surgimento de uma comunidade de aprendizagem. Influenciada pela Escola da Ponte em Portugal, a BEM - Biblioteca Engenho do Mato dialoga com as principais instituições do bairro e, entre os projetos que lhe compõem, está o mapeamento comunitário.

No local antes desativado, com o seu florescimento após a ocupação comunitária, mesmo sem incentivos em forma de financiamento, são realizadas voluntariamente diversas atividades gratuitas voltadas para toda a comunidade. Entre os maiores beneficiados, estão os estudantes do CIEP 448 - Ruy Frazão Soares. Antes da ocupação, o local era alvo de invasões e vandalismo.

Após a ocupação comunitária, mais do que livros disponíveis, acontecem ao alcance de todos aulas e práticas de redação, inglês, botânica, agroecologia, kung fu, capoeira, dança, composição (rap), desenho, fotografia, artes circenses, teatro, expressão corporal,

além de encontros para estudo dirigido, cineclube, debate, celebrações e eventos culturais. Para promover o desenvolvimento do projeto os voluntários organizam mutirões comunitários e grupos de trabalho (GT's).

Por sua forma genuína, a autogestão BEM - Biblioteca Engenho do Mato é objeto de estudo em pesquisa científica da UFRJ (Terapia Ocupacional), além de atrair frequentemente grupos de pesquisa acadêmica das principais universidades do estado do RJ, por exemplo, a UFF - Universidade Federal Fluminense (Gestão de Espaços Públicos/Produção Cultural).

Com grande potencial de replicação, a autogestão BEM - Biblioteca Engenho do Mato incentiva o surgimento de novas bibliotecas comunitárias ao fomentá-las com doações de livros, incluindo em seu roteiro algumas das rodas culturais do estado do RJ.

A BEM - Biblioteca Engenho do Mato também atrai artistas (sobretudo ligados à cultura Hip Hop), cineastas independentes, servindo de cenário para vídeos e fotografia. Já recebeu e contou com a presença de MC Marechal, Funkero, Coé, Gra, Pedro Marzano (Projeto Coletivo), Sant, Liink, Nocivo Shomon, MC Orochi (Modéstia Parte), ADL MC's e outros.

Entre os movimentos sociais mais próximos, dialoga-se com grupos importantes como o MPL (Movimento Passe Livre), Massa Crítica (Bicicletada Niterói), Niterói contra a Redução da Maioridade Penal, África em Nós, coletivos culturais e organizações de peso.

Em 2016 nasceu a primeira célula da BEM, nomeada de BEM+ (marcando a expansão do projeto para além dos muros da biblioteca)."

A apresentação acima foi escrita em 2016, e corresponde a configuração que o projeto se encontra hoje ao completar quatro anos de existência.

Desde o seu surgimento, formação e desenvolvimento, até os desdobramentos dos projetos que a compõem, a BEM sempre se manteve alinhada em menor ou maior grau aos valores como a autonomia, a participação responsável e a construção coletiva através do conhecimento, da educação e da arte.

Quando entrei em contato com a BEM pela primeira vez, em dezembro de 2014, o projeto estava completando um ano e meio e os voluntários participantes buscavam compreender melhor teoricamente o que já estavam construindo de forma prática no espaço. Neste período de reflexão coincidente a minha chegada, a pergunta premente aos participantes era: O que de fato é a BEM?

Naquele momento oportuno eu poderia contribuir pela teoria, pelo contato com outros espaços inovadores, e principalmente pelas ferramentas do Dragon Dreaming para desenvolvimento colaborativo. No momento em que conheci o projeto o grupo já havia vivenciado experiências únicas e transformadoras no bairro e me acolheram na gestão para que eu pudesse também construir o projeto junto a eles. Na ocasião algumas ideias como a Autogestão, os GTs, a comunidade de aprendizagem e os objetivos do projeto vieram a tona e se consolidaram através do conhecimento coletivo, e participação de todos os envolvidos.

Depois do primeiro contato com o projeto, me mantive participante da autogestão do espaço, e por alguns meses, como guardiã das Reuniões de Segunda. O objetivo do encontro era manter a biblioteca aberta em um horário em que as pessoas pudessem levar propostas de oficinas e projetos para serem realizados em parceria com o espaço. Assim como dar apoio ao desenvolvimento de projetos colaborativos no espaço, no bairro e na região.

A partir desta iniciativa surgiram dois projetos parceiros da Biblioteca, e que foram naquele momento, e são, muito importantes para meu caminho de aprendizagem. O projeto BEMcomum e a BEM+.

O BEMcomum

O Mapeamento de Recursos Comunitários do Engenho do Mato - BEMcomum, é um projeto de desenvolvimento local a partir da colaboração e do compartilhamento de dados e recursos materiais e imateriais na elaboração de projetos coletivos.

Tem como inspiração o FIB (índice de felicidade interna bruta) , as cidades educadoras, as comunidades de aprendizagem, os bancos comunitários, entre outras inovações sociais, seu objetivo é conectar pessoas e suas ideias de desenvolvimento pessoal e coletivo, aos recursos disponíveis na comunidade para sua realização. A pergunta motivadora da reflexão sobre os recursos disponíveis é “O que eu posso oferecer para o lugar onde eu vivo e o que o lugar onde eu vivo pode me oferecer?”

Na primeira fase do projeto, realizada no ano de 2015, os alunos de ensino público, fundamental e médio, nas escolas da região foram convidados a participar da construção do mapeamento através de um ciclo de 10 encontros onde foram aplicados formulários, coletados os sonhos para o bairro e levantadas hipóteses sobre como poderíamos colocar o projeto em prática. Além dos encontros nas escolas, aconteciam também encontros na biblioteca com foco no desenvolvimento de projetos colaborativos no espaço, bairro e região. Nesses

encontros a estrutura e as atividades do mapeamento também eram pensadas em conjunto por todos os presentes, reforçando seu caráter comunitário e colaborativo.

A BEM+

Já a BEM+ iniciada por Sérgio Odilon em 2015 no seu atelier, é um projeto que tem como objetivo em parceria entre o mapeamento e a biblioteca, a formação de células da BEM em outros espaços físicos na comunidade. Concretizando a ideia da rede e do processo como ponto focal do desenvolvimento local. O objetivos destes espaços é oferecer atividades diferentes da comportada no espaço físico da biblioteca e mas tendo os mesmos acordos e valores que os elencados pelo grupo.

A estruturação da Rota do Amanhecer

O movimento que a prática, na BEM e seus projetos, provocou em mim foi o de reforçar a busca por informações. Anteriormente essa busca vinha de um lugar de indefinição sobre como começar uma ação. Iniciei algumas pesquisas por materiais de base para a gestão da inovação social em educação, e parei para pensar pelas primeiras vezes na Rota do Amanhecer.

Mas com o aparecimento da BEM, com toda sua estrutura e práticas borbulhantes acontecendo no bairro onde moro passei a me dedicar integralmente a esse exercício prático. Entretanto este próprio exercício, com o tempo, voltou diversas vezes a reforçar a necessidade de conhecer mais sobre a prática de outras iniciativas, investigar a fundo numa pesquisa de campo e entender as conexões entre a cultura e o desenvolvimento, que dialogam também com a inovação social.

No dia a dia da interação com a BEM é possível perceber por exemplo a importância de se ter claro que tipo de iniciativa se está construindo coletivamente, para que sua finalidade não se perca em tarefas operacionais. Por outro lado, se debruçar sobre a reflexão sem deixar as tarefas práticas de lado é um outro desafio. Principalmente no caso da biblioteca, que opta por uma autogestão. Este exercício de estar aberto ao aprendizado foi o que reforçou para

mim a vontade de me aprofundar em um estudo sobre as transformações socioculturais que esses exercícios praticados nas inovações emanam para a vida em sociedade.

Esse movimento de reflexão formatou o projeto Rota do Amanhecer como se encontra atualmente nesse trabalho. e pessoalmente me deu a síntese de compreensão da inovação social como um campo de pesquisa no qual eu gostaria de me aprofundar. Sendo a Rota do Amanhecer um projeto de pesquisa de campo que está frutificando deste caminho.

Gestão da inovação social: compreendendo o campo e conectando os pontos.

Cada vez mais pessoas se sentem convidadas, à sua maneira, colocar em prática uma das mais famosas frases de Maratma Gandhi “Seja você a mudança que gostaria de ver no mundo”. Como fruto desta percepção que floresce em diversas partes do mundo, surgem as iniciativas que tem como objetivo transformar o que não vai bem, em algo bom. Aquilo que se encontra escasso, em algo abundante.

Propostas que, para mudar os resultados das construções sociais que encontramos hoje, focam em mudar as ferramentas, os materiais e os processos de construção de uma nova ideia. Essas propostas surgem, em sua maioria, do indivíduo ou de pequenos grupos engajados em uma questão comum e que se veem capazes de fazer algo por isso. Na sua rua, no seu bairro, trabalho, escola, no governo. Mas muitas pessoas começam a empreende-las porque não concordam com a configuração das “coisas” como estão hoje, sem necessariamente saber que estão realizando uma Inovação Social.

No entanto, creio que para ir além da iniciativa e se estabelecerem em continuidade mantendo seu caráter inovador é importante compreender melhor o contexto no qual essas boas ideias estão fundamentadas, mesmo que inconscientemente. Tendo em vista que este tipo de iniciativa não diz respeito apenas a uma inovação fim, mas sim uma estrutura inovadora para a concretização de uma nova ideia.

As iniciativas de inovação social, mais do que simplesmente resolver um problema social, se propõem a gerar soluções de transformação sociocultural. Uma vez que trabalham novas perspectivas sobre o desafio específico no qual atuam, tangenciando um conjunto de questões intermitentes que compõe a resolução do problema em si. Gerando também a

apropriação da solução através da aprendizagem na cooperação/colaboração da comunidade envolvida.

No entanto sem um bom referencial prático, teórico e movimentos de reflexão integrais sobre a prática do grupo, podemos facilmente incorrer na tendência de reprodução dos velhos padrões os quais as inovações têm como objetivo desconstruir. Isso porque fomos conformados para reproduzir o velho padrão funcionalista, não para construir um novo. A isso implica que toda inovação social tem que lidar com a construção, a destruição e o aprendizado, constantemente.

Ainda existem poucas informações correntes para o entendimento do campo como um todo e da sua gestão, tendo em vista o seu potencial de transformação. No entanto com o próprio desenvolvimento e aumento de pessoas realizando transformações práticas no dia a dia, também aumentam o número de pessoas interessadas em compreender o contexto em que essas transformações acontecem. A Rota vem alimentar essa necessidade de entendimento e partilha que surge naqueles que intencionam colocar seus projetos de inovação em prática.

Capítulo 2- Inovação social brasileira: Pesquisando os saberes no campo

Neste capítulo faço uma breve análise das bases teóricas sobre inovação social que fundamentam o projeto e exponho a visão pela qual será realizada a pesquisa de campo.

O foco do projeto está em pesquisar sobre a inovação social no Brasil tendo em vista os saberes adquiridos pelos seus inovadores. Visitando diferentes tipos de iniciativas de inovação social, esperamos fomentar um panorama da gestão da inovação social no país.

A elaboração deste projeto foi feita a partir das minhas reflexões como produtora cultural e inovadora em formação, da observação e contato com inovadores iniciantes na minha rede e da percepção da ausência de um trabalho que trouxesse a tona um conhecimento específico, dos fazeres práticos em iniciativas de diferentes áreas sociais unidas pela inovação das suas estruturas. Fortalecendo o reconhecimento da rede e abrindo margem para a formação de uma comunidade de aprendizagem entre inovadores.

Propus captar esse conhecimentos através dos caminhos de aprendizagem dos inovadores tendo em vista que a maior parte das informações encontradas sobre o tema estão vinculadas aos objetivos e resultados alcançados pelas iniciativas, pouco mencionando os processos vivenciados nessa construção e os valores que embasam suas ações cotidianas. Pontos fundamentais para uma transformação sociocultural de base como a que as inovações sociais permitem.

A Inovação social

Inovação social é um campo de estudos recente, datando as preliminares definições do termo, da primeira década do séc. XXI. Apesar de ter suas raízes conceituais na Inovação (voltada para mudanças tecnológicas, organizacionais), os dois termos divergem essencialmente em suas finalidades. Enquanto a inovação tecnológica visa o lucro, a social visa o bem comum. A partir desta dissemelhança, as outras estão a cargo da práxis em termos de, estratégia, do lócus, do processo de desenvolvimento e da difusão do conhecimento. Nesse sentido, enquanto as Inovações Sociais são novas soluções para antigos problemas ou

necessidades sociais, a Inovação viria a ser entendida, como a forma inédita de fazer as combinações gerando resultado econômico.

Desde seu surgimento como termo, a inovação social se afasta progressivamente da posição de fenômenos isolados ou de uma vertente assistencialista da inovação tecnológica e empresarial, direcionando-se para uma reflexão consistente sobre seus impactos socioculturais estratégicos. Entretanto, por ser um campo novo, permanece sem uma definição consolidada do seu objeto de estudo e seus conceitos. Segundo Biganetti (2011, p.05) “apesar da amplitude dos problemas sociais e da crescente preocupação com as falhas de mercado que geram desigualdades, os estudos sobre inovação social ainda não representam parcela significativa das pesquisas acadêmicas. O conjunto de abordagens, metodologias e práticas ainda não se constitui num corpo consolidado de conhecimentos e não há uma teoria que lhes dê suporte.”

No entanto, se o campo acadêmico ainda conta com poucas referências e pesquisas na área, a cada dia cresce no número de pessoas que se unem para constituir iniciativas de inovação social em suas comunidades.

As Inovações Sociais atuam a partir da criação de estruturas novas ou de um novo arranjo das estruturas existentes, tendo como finalidade o fortalecimento e o desenvolvimento coletivo. Como pressuposto das suas ações estão à cooperação na sua criação, desenvolvimento e prática, e a sustentabilidade das suas relações, organizações e soluções.

Para gerar soluções duradouras e efetivas, as iniciativas de inovação social levam em conta não somente o problema em si, mas um conjunto de questões intermitentes que integram a resolução da questão. Buscando alcançar o resultado, trabalham novas perspectivas sobre o desafio específico no qual atuam, gerando a apropriação da solução através da aprendizagem na colaboração da comunidade envolvida e beneficiada.

Essa atuação inovadora, reside no processo com que se corporificam as soluções e nos valores que a compõem. Fazendo com que suas iniciativas tenham um grande potencial de transformação sociocultural, uma vez que exercitam em suas práticas, hábitos de um novo paradigma, alinhado com o pensamento complexo (discutido no tópico cultura e desenvolvimento na transição de paradigmas, no cap.1).

As Iniciativas

As iniciativas são o ponto de convergência entre todos os elementos de transformação sociocultural potencial mencionados como características das inovações sociais. Seja ela física ou virtual. É na realização da iniciativa que podem acontecer as interações entre todas as instâncias de organização social que tangenciam os desafios que elas solucionam.

Fazem a conexão entre o conhecimento e a prática, entre o global e o local, entre a realidade atual e a sua resultante. É o ambiente em que se inicia a construção das pontes, por ser o local onde se exercitam valores, conhecimentos e ferramentas alinhadas com a perspectiva do paradigma sistêmico. São em suma espaços de conscientização.

Como criar um novo habilidade sem exercitá-la? Como exercitar algo que não se conhece? Como conhecer algo que não se percebe?

A sustentabilidade, tão necessária para a vida dos humanos no planeta, é a habilidade de ser sustentável. Entretanto, uma nova habilidade coletiva não se adquire sem treino geral, não pode se desenvolver sem o exercício da aprendizagem coletiva. Nosso pressuposto é que as iniciativas de inovação social, por suas potencialidades, possam ser os dispositivos de comunidades de aprendizagem onde haja o aprendizado de uma sustentabilidade real na partilha de experiências e na solução conjunta de desafios.

A aprendizagem pressupõe mais do que um emaranhado de informações decoradas, com as quais lidamos na nossa educação tradicional. Ela necessita da consciência da ação para transformar um conjunto de dados e sentenças em conhecimento de fato. A partir de um conhecimento percebido, é então possível o exercício que leva a aquisição de uma nova habilidade. Hoje o espaço social para trabalhar propriedades como autonomia, participação responsável, colaboração, solidariedade, horizontalidade, desconstrução, etc.. são iniciativas de inovações social, onde existem os mecanismos apropriados para se construir coletivamente essas potências.

Alguns dos principais elementos que compõem o potencial de transformação sociocultural das iniciativas de inovação social:

A Criação - Geram soluções para questões próprias da comunidade e para desafios enfrentados globalmente, pela criação de novas estruturas de organização social.

O Desenvolvimento - Desenvolvimento e elaboração da sua atividade, seu objetivo fim, em conjunto com o desenvolvimento da comunidade com a qual dialoga, levando em consideração a sua necessidade de recursos e interação com o ambiente (natural e humano) para provê-los.

A Conexão - As interrelações entre todos os grupos, instituições, instâncias e níveis de construção social do micro ao macro pelo qual essas iniciativas transitam e/ou tangenciam tensionando transformações dentro da trama cultural, social, econômica e ecológica do desenvolvimento humano, de acordo com o desafio que a inovação se propõe a enfrentar.

A Aprendizagem - O processo entre a percepção (do desenvolvimento humano sustentável) e a aquisição da nova habilidade (sustentabilidade) não passa somente por essas iniciativas, mas se materializam através delas. É transformando essas inovações sociais baseadas em valores sistêmicos em uma realidade prática que se faz o exercício de concepção de que uma transformação cultural é possível. A educação e a aprendizagem estão atualmente confinadas ao espaço escolar e a uma estrutura tradicional de formação. Mas essa restrição, ou apartamento, está sendo constantemente questionado por um conjunto de inovações sociais no campo da educação. Levantando a ideia de que a aprendizagem é um movimento, que pode e deve, acontecer em qualquer lugar, e que nós somos mediatizados pelo mundo (como dizia Prof. Paulo Freire). Sendo assim estas iniciativas são laboratórios em todos as suas etapas e relações para o aprendizado da construção de um novo paradigma social. Sob essa perspectiva é que podemos entender algum desses espaços como comunidades de aprendizagem, em exercício ou em potencial.

O impacto - O potencial de transformação que as inovações sociais em em suas atividades. A soma entre a criação, o desenvolvimento, a conexão e a aprendizagem. A sinergia entre estes fatores, a compreensão dos seus processos, a consciência clara de sua finalidade.

Panorama Brasileiro

Nossa pesquisa tem como objetivo conhecer a gestão da inovação social brasileira a partir dos seus atores e dos seus caminhos de aprendizado. Buscando reconhecer a rede e os seus saberes, para fortalecer a percepção dos potenciais de desenvolvimento que o campo apresenta no país, não somente em termos de modelos de inovação, mas principalmente dos processos que vivem em sua construção e desenvolvimento.

Para isso, ao elaborar o projeto, levei em conta a necessidade de traçar, mesmo que breve, um panorama da inovação social a nível nacional. Panorama este que pudesse ter um referencial consistente, a partir de trabalhos de mapeamento que já foram realizados por instituições de referência em cada uma das áreas de pesquisa.

Ao nos basear em mapeamentos pré-existentes buscamos dialogar com pesquisas de campo de diferentes instituições como MEC, Criativos da Escola, Banco de Tecnologias Sociais do Banco do Brasil, Yunnus Brasil, entre outros. Criando pontes entre panoramas já realizados em diferentes áreas (como educação, desenvolvimento, tecnologias), em um panorama comum da inovação social (que percebemos não haver claramente ainda). Cada uma das áreas selecionadas são campos de prática distintos, inovadores e complementares que convergem para um mesmo exercício de transformação social, sendo portanto reconhecidas também como iniciativas de inovação social.

A escolha desses referenciais facilita a reflexão do panorama que buscamos traçar a partir de três pontos principais:

1- A possibilidade de refletir sobre como se dá a conexão entre as instituições de referência e as iniciativas elencadas.

2- A possibilidade da integração entre a Rota do Amanhecer e outros estudos já realizados em cada uma das categorias.

3- A possibilidade de trocas e partilhas entre as iniciativas elencadas e as instituições referenciais de outras categorias, através do compartilhamento dos diferentes mapeamentos de referência que serviram de base para esse projeto.

As Iniciativas Seleccionadas

Ao todo escolhemos abordar 10 (dez) iniciativas de 05 (cinco) áreas diferentes em todas as regiões do país, a saber: 1. Educação Alternativa e integral; 2. Tecnologias e Negócios Sociais; 3. Ecovilas e comunidades; 4. Espaços de Colaboração e Partilha; 5. Mestres e Artesãos da Cultura tradicional.

Cada uma das áreas escolhidas dá conta de diferentes tipos de inovações sociais dentro do seu próprio conjunto. Por exemplo: dentro da educação integral e alternativa temos diferentes iniciativas como, a desescolarização, a educação livre, democrática, integral, as comunidades de aprendizagem, as cidades educadoras, entre outras. Todas essas vertentes têm sua própria especificidade e prática, que se interpenetram e são baseadas em valores sistêmicos que as diferenciam da escola e educação tradicionais.

Quanto às iniciativas, nosso principal objetivo é procurar compreender a interação dos valores sistêmicos colocados em prática na sua finalidade, estrutura e cotidiano, tanto individualmente no contexto local, quanto coletivamente a nível nacional.

Abaixo temos o detalhamento das cinco áreas que serão pesquisadas e suas referências:

1- Educação integral e alternativa:

Iniciativas de Educação integral e Alternativa, vão propor transformações no campo da aprendizagem, buscando novas estratégias educativas e a construção de um outro olhar, resultando em e outras práticas no processo de aprendizagem, que não as conhecidas no modelo tradicional. Nesta perspectiva, não existe uma maneira única de se organizar o exercício educativo, mas várias formas possíveis de se construir um mesmo conhecimento.

Nossas referências: Seleccionamos as escolas e projetos através do mapeamento do MEC de escolas inovadoras e criativas e pelo mapeamento do site Educação Integral.

2- Tecnologias Sociais e Negócios Sociais

Nesta área escolhemos juntar dois campos distintos e com identidades bem elaboradas em uma única abordagem, pois acreditamos que suas práticas se completam numa reflexão sobre a inovação nos fazeres do trabalho. As tecnologias sociais são, conjuntos de técnicas e métodos transformadores, desenvolvidos e/ou aplicados pela população, com a população e para população. Buscam solucionar questões comunitárias e gerar inclusão social e melhoria

das condições de vida de todos os envolvidos. Por outro lado, os negócios sociais são empresas que têm a única missão de solucionar um problema social, são autossustentáveis financeiramente e não distribuem dividendos. Como uma ONG, tem uma missão social, mas como um negócio tradicional, geram receitas suficientes para cobrir seus custos. O sucesso do negócio não é medido pelo total de lucro gerado em um determinado período, mas sim pelo impacto criado para as pessoas ou para o meio ambiente. Não necessariamente são desenvolvidos pela população beneficiada, mas se baseiam em técnicas e métodos transformadores para resolver questões sociais.

Nossas referências: Selecionamos as tecnologias sociais através do banco de tecnologias sociais do Banco do Brasil. E os Negócios sociais a partir de projetos incubados por aceleradoras como Yunus e Artemísia.

3- Ecovilas e comunidades

Ecovilas são comunidades urbanas ou rurais de pessoas que têm a intenção de integrar uma vida social harmônica a um estilo de vida sustentável. Buscam ser autônomas em seus espaços, dando conta das principais funções sociais: moradia, sustento, produção, vida social, lazer, etc. Nesse sentido pode-se entender uma ecovila como um microcosmo social. Além das Ecovilas selecionamos iniciativas de grupos que se reconhecem como comunidades e cuidam do desenvolvimento do seu território e de si, dentro dos valores sistêmicos os quais se enquadram as inovações sociais.

Nossas referências: Para seleção de ecovilas utilizamos o mapeamento feito pelo Documentário Ecovilas Brasil.

4 - Espaços de colaboração e compartilhamento

Locais onde as pessoas se encontrem para trocar, criar e colocar em prática diversos tipos de conhecimento. Sejam esses espaços formais ou informais. Reconhecemos esses lugares como aqueles que dão suporte para o desenvolvimento de múltiplas ideias e apoiam o seu desenvolvimento prático pela sabedoria coletiva partilhada nesses espaços.

Nossas referências: Mapeamento de Fablabs Brasil, Projetos de extensão e núcleos de estudos especializados em inovação social das universidades pesquisados em sites de busca. Pela mesma via de pesquisa encontramos também espaços populares de construção deste conhecimento. Não encontramos um mapeamento referencial além dos Fablabs neste caso. .

5- Mestres e Artesãos da cultura tradicional

O saber tradicional foi preservado historicamente pela transmissão oral, e assim em muito permanece. Através da sabedoria e da experiência dos mais velhos, e das pessoas que guardam em si o conhecimento e a prática de toda uma cultura, podemos descobrir que “novas ideias” vivem também na sabedoria ancestral. Muitas vezes essa é uma fonte esquecida pelo fortalecimento de um pensamento único e orientado somente para o futuro. Honrar e celebrar o conhecimento que vivem nestes mestres como uma inovação do olhar para o saber também é o objetivo da nossa pesquisa.

Nossas referências: As “Leis de Patrimônio Vivo”, “Leis de Tesouros Humanos Vivos”, também denominadas “Leis de Mestres”, em estados como Ceará, Pernambuco, Alagoas e Bahia.

Os inovadores e seus caminhos de aprendizado

A base fundamental da pesquisa de campo proposta no projeto Rota do Amanhecer está nas entrevistas com os inovadores e nos conhecimentos adquiridos ao longo dos seus caminhos de aprendizagem. Entendemos que em suas narrativas estão contidos os saberes da gestão de um campo que vive prioritariamente na prática do embate entre o antigo, estabelecido e disfuncional, e o novo, desconhecido e transformador.

Queremos conhecer e compartilhar esses desafios e etapas, a partir das narrativas dos inovadores que enfrentaram e enfrentam essas questões na busca de tornar suas inovações realidade. Colocando em perspectiva, não só a iniciativa e seus resultados alcançados, como também os impactos do processo de inovar nas experiências pessoais e íntimas das equipes inovadoras

Como em vários setores, há pouca informação sobre a práxis desses profissionais consubstanciada pelo seu dia a dia, cotidiano, e relação com seus pares e ímpares. Nossa busca é entender as lógicas estruturais dos projetos, e os desafios de um desenvolvimento que se mantenha coerente, enquanto essência e proposta, mesmo estando imerso em um sistema ainda dominado pela lógica hegemônica do antigo paradigma.

De onde vem os conhecimentos desses inovadores? Quais e que tipo de bases teóricas

os orientam? O que os inspirou e inspira individualmente e como grupo? Como eles se sustentam, quais os caminhos que trilharam para chegar àquela sustentabilidade?

Apesar de colher informações documentais quantitativas e da análise, o registro desse projeto se pretende como um registro **afetivo**. Das histórias de vida desses inovadores, dos aprendizados que estão tendo em suas caminhadas. Das carências do campo e das possibilidades inexploradas mas avistadas. Das dores e delícias de “fazer acontecer”. Para a partir de uma entrevista que traga a tona seus caminhos de aprendizagem, poder olhar para os valores e processos pelos quais as iniciativas passam.

A metodologia de entrevista será baseada em perguntas pensadas exclusivamente para cada uma das iniciativas selecionadas, tendo como referência a roda do Dragon Dreaming. A roda do Dragons Dreaming é composta por 12 passos em quatro etapas, para a construção de um projeto colaborativo com base nos valores do desenvolvimento pessoal, coletivo e ambiental. Os doze passos são: Etapa Sonhar (indivíduos): 1- Tomada de consciência, 2- Motivação, 3- Coleta de informações. Etapa Planejar (Teoria): 4- Considerar Alternativas, 5- Desenhar estratégias, 6- Projeto Piloto. Etapa Realizar (Ambiente): 7- Implementar, 8- Gerenciar/ Administrar, 9- Monitorar o Progresso. Etapa Celebrar (Prática): 10- Adquirir novas habilidades, 11- Resultados transformadores , 12- Discernir com sabedoria.

Nossa proposta é basear nosso roteiro de entrevistas nesses doze passos, adicionando perguntas relacionadas ao caminho de aprendizagem específico do inovador. Assim podemos abordar todas as questões referentes ao processo de desenvolvimento da iniciativa, junto às questões de desenvolvimento pessoal também dos inovadores que a constroem.

O estímulo à comunidade de aprendizagem

Entendemos os diferentes tipos de iniciativas de inovação social, assim como o movimento de reconhecimento da rede que este projeto propõe como um estímulo à formação de uma (ou muitas) comunidades de aprendizagem. Tomamos este prisma pelo fato de que nas redes onde operam-se transformações estruturais da sociedade, operam-se também transformações na forma de entender a aprendizagem, a partilha de saberes e a construção conjunta da realidade.

Com essa percepção é possível conceber a ideia das comunidades de aprendizagem em cada iniciativa coletiva de transformação sociocultural baseada em valores de desenvolvimento humano sustentável. Seja ela virtual ou física.

Comunidades de aprendizagem são redes de relações e saberes. Para muito além dos muros da escola, ou de qualquer muro. Uma comunidade de aprendizagem não se trata de um lugar ou um dispositivo, como a escola ou um site de relacionamentos, mas faz uso destes para se fazer viva em suas redes de ações e relações. Um formato que vai na contramão do que convencionamos como ensino, integrando o saber, a vida, e a aprendizagem a uma prática irrestrita de construção da própria realidade.

Essa nova concepção do aprender, na partilha, na prática, no contato e construção do mundo se estabelece na consciência e nas relações, posto que nunca paramos de aprender. Segundo o professor José Pacheco “a comunidade de aprendizagem não é um lugar, mas sim a rede”. Se trata de aprender em comunidade, onde as pessoas podem compartilhar e compor seus saberes conjuntamente. Trazendo a tona a ciência de que autonomia e participação responsável (e solidariedade) são mais do que palavras bonitas que se dizem às crianças na escola, mas sim valores sobre os quais devemos exercer na nossa elaboração do mundo ao longo de toda a vida.

A Rota do Amanhecer, além de reconhecer as ações da rede, reconhece também o seu saber. Assim, deseja estimular a formação de uma possível comunidade de aprendizagem por fortalecer a rede de inovadores, e por buscar esclarecer a perspectiva do aprendiz que vive nas ações desta rede pela partilha das experiências de campo dos inovadores e das iniciativas.

Entendemos que o protagonista desta pesquisa de campo é o aprendiz coletivo sobre como se faz inovação social no Brasil hoje, e quais os impactos dessa escolha na vida dos inovadores.

Parte II - Proposta Executiva
Rota do Amanhecer

Projeto Rota do Amanhecer

A Rota é uma pesquisa experimental itinerante que investiga um panorama da inovação social no Brasil. Conhecendo e documentando em um longa metragem, diferentes tipos de iniciativas que estão transformando a nossa forma de pensar e construir o mundo. As iniciativas selecionadas são propostas voltadas para princípios e valores de um novo paradigma social. Baseadas no cuidado, na colaboração, na autonomia, sustentabilidade, no desenvolvimento integral, nos recursos e alternativas.

Nosso objetivo é visitar inovações sociais em todas as regiões do país para conhecer de perto a formação e o desenvolvimento desses projetos, registrando ao longo do caminho: o nosso percurso, o trabalho realizado por cada instituição, e uma série de entrevistas com os Inovadores Sociais. Nessas entrevistas buscamos conhecer os *Caminhos de Aprendizagem*, das pessoas e equipes, que escolhem realizar uma mudança sociocultural ao investir na construção de novas soluções para antigos problemas.

Desejamos, pela execução deste documentário, traçar um breve panorama da inovação social no Brasil pela perspectiva prática das iniciativas. Colocando nosso foco nos seus **processos** de realização e nos **valores** que as tornam um potencial vivo de transformação sociocultural. Pontos que consideramos ainda pouco abordados, em detrimento do olhar social acostumado a se voltar constantemente para os objetivos e resultados.

Com essa coletânea de saberes da prática, e a partilha de experiências entre inovadores, queremos encorajar e inspirar outras pessoas que também gostariam de desenvolver propostas semelhantes nas comunidades onde vivem, mas não sabem, ou não sentem segurança, sobre como começar, ou sobre que impactos essa escolha pode ter em suas próprias vidas.

Acreditamos que a aproximação com as experiências de diferentes pessoas dentro de uma mesma rede possa ser esclarecedora e fértil, fortalecendo a ideia de que, ser um agente de transformação da sociedade é possível na prática.

Propostas e objetivos do projeto:

Realizar uma pesquisa de campo que investiga a gestão da inovação social no Brasil pela perspectiva dos inovadores e dos seus caminhos de aprendizagem. Captando os saberes, valores e processos que dão vida às iniciativas em um documentário longa metragem que registra as entrevistas realizadas. E também, a partir de um diário de bordo nas mídias sociais, onde serão compartilhados os percursos e o desenvolvimento da viagem.

A primeira fase da pesquisa de campo tem como perspectiva abordar num período aproximado de seis (06) meses cerca de dez (10) iniciativas em cinco (05) categorias diferentes de inovações: Educação Integral e alternativa; Espaços de colaboração e conhecimento; Ecovilas e Comunidades; Tecnologias e Negócios Sociais; e Mestres e Artesão da Cultura tradicional.

Nossa proposta é documentar o percurso de forma experimental nas mídias através de um canal no youtube e um blog que funcionem como diário de bordo durante o percurso. E posteriormente à pesquisa de campo, editar um documentário longa metragem com o resultado das visitas às iniciativas e as entrevistas aos inovadores.

Nossos objetivos são:

- . Conhecer e partilhar saberes e desafios da Gestão da Inovação Social no Brasil.
- . Utilizar mapeamentos já realizados por instituições de pesquisa e referência nos respectivos setores, registrando a partir desses dados um Panorama Brasileiro da Inovação Social com foco nos valores que pautam as iniciativas e nos processos que as estruturam.
- . Colher as experiências práticas e subjetivas dos inovadores a partir do conhecimento sobre os seus Caminhos de Aprendizagem.
- . Fortalecer, pela disseminação do conhecimento, o surgimento de uma comunidade de aprendizagem entre os inovadores, e o desabrochar de outras iniciativas pelo encorajamento de inovadores em potencial.

Motivação da Proposta

Ao me dedicar ao estudo e à realização de iniciativas de inovação social no bairro onde moro, senti falta de maiores conhecimentos sobre o campo da inovação social e a sua prática. Saberes que fossem além de uma definição teórica sobre o que vem a ser o termo, ou da apresentação dos projetos nos seus objetivos almejados e resultados alcançados.

A Rota do Amanhecer surge como uma pesquisa de campo para investigar a gestão da inovação social no Brasil a partir da narrativa dos inovadores, com foco em dois pontos principais: Os Valores que orientam as práticas das iniciativas; e os Processos pelos quais as iniciativa passam na sua concretização e desenvolvimento.

Existem disponíveis na internet uma grande quantidade de informações teóricas sobre o que são iniciativas de Inovação Social. Muitas delas conectadas diretamente à ideia de Negócios e Empreendedorismo Social. Outra parte das informações diz respeito a aceleradoras e incubadoras para inovações sociais. E uma terceira parte das informações mais comuns é baseada em Cases e/ou Apresentações dos projetos que se dedicam a comunicar “o que eles são e o que eles fazem”.

Todas essas informações são importantes e fundamentais para a percepção e elaboração do campo. Elas são o próprio campo. Mas, como inovadores iniciantes, sentimos falta da voz de outros inovadores, refletindo profundamente sobre sua práxis, e o impacto dela nas suas próprias vidas. Partilhando dúvidas e saberes adquiridos na experiência de construção dos seus projetos. Fomentando uma comunidade de aprendizagem que fortaleça a todos e ao movimento.

No momento da prática do novo, desconhecido, experimental e incomum, é crucial saber que se pode contar com a partilha, ou ao menos com a referência dos processos que passaram outros inovadores. As pressões do cotidiano e dos modelos tradicionais de solução não deixam de bater à porta, mesmo que ainda estejamos tentando compreender o que realizamos de fato. Neste momento, o reflexo das experiências dos que já passaram por esses estágios ou estão passando são um impulso a mais para o fortalecimento que as iniciativas precisam.

Aproximar os atores sociais do campo, fortalecer os elos entre iniciativas com características e redes para além e em conjunto com os negócios e do empreendedorismo social, trazer a tona os valores que as sustentam e os processos por quais passam, e traçar um

breve panorama da inovação pela voz dos inovadores é a motivação deste projeto. Afinal, se vamos construir algo novo, precisamos também de novas óticas para compreendê-las.

Realizadores da Rota do Amanhecer

Ana Clara Costa

Formanda em Produção Cultural pela UFF, tenho 24 anos e moro em Niterói-RJ. Escolhi esta formação por desejar desde os tempos de escola trabalhar com educação através do desenvolvimento comunitário e da cultura. Atualmente me dedico ao desenvolvimento de projetos independentes como a Rota do Amanhecer e o BEMcomum - Mapeamento de recursos comunitários, que está em seus primeiros passos no bairro onde moro. Também participo da Autogestão da BEM - Biblioteca Comunitária do Engenho do Mato.

Ivan Cardoso

Tenho 24 anos e moro em Niterói. Nasci com o impulso de poder construir a vida e os sonhos, literalmente com as próprias mãos. Estudei marcenaria na oficina Coisas de Madeira, com Diego de Assis e posteriormente Lutheria na Beluthier, com Fernando Bernardo. Atualmente trabalho com Lutheria e busco poder ampliar o olhar “faça você mesmo” para todas áreas da vida. Atuo como voluntário da BEM- Biblioteca Comunitária do Engenho do Mato, ensinando a arte do kung-fu que me dedico a 15 anos.

Cronograma de Execução e Mapa de Iniciativas:

A primeira fase do projeto tem duração estimada de seis (06) meses, com: Saída em Março de 2018 e Retorno em Agosto de 2018. Podendo ser estendido até a conclusão completa de sua meta inicial.

Consideramos realizar uma média geral de duas (02) visitas por semana, tendo em vista a proximidade de algumas iniciativas e a maior concentração de iniciativas nas regiões Sul, Nordeste e Sudeste.

O roteiro a ser trilhado terá início com a visita de iniciativas na Região Sul, avançando para o Centro-Oeste, seguindo para o Norte, retornando pelo Nordeste e abordando por último as iniciativas do Sudeste até o retorno para Niterói.



Imagem 4 – Mapa de iniciativas

Lista de iniciativas a serem visitadas em cada categoria:

1 - Educação Integral e Alternativa

- Escola Comunitária Cirandas, Paraty - RJ
- Escola Vila Verde, Alto Paraíso - GO
- Escola Janela, Cavalcante - GO
- Fundação Casa Grande, Crato - CE
- Escola Mun. Maria do Socorro, Ouricuri - PE
- Vila Escola Projeto de Gente , Prado - BA
- Escola Brilho do Cristal, Vale do Capão - BA
- CPCD, Curvelo - MG
- Projeto Âncora , Cotia - SP
- Casa do Zezinho, São Paulo - SP

2- Espaços de Conhecimento e Colaboração

- Rede de Casas Colaborativas de Poa - RS
- FAB LAB Belém
- Fab Lab Espaço São Luís
- Fab Lab Recife
- Fab Lab Fortaleza, CE
- Fab Lab Newton, Belo Horizonte - MG
- FlowMakers , São Paulo - SP
- Laboriosa89, São Paulo - SP
- Redbull Station, São Paulo - SP
- Rede Abellha , Rio de Janeiro - RJ

3- Tecnologias e Negócios Sociais

- Gestão Comunitária de resíduos orgânicos, Florianópolis - SC
- Justa Trama, Porto Alegre - RS
- Banco Muiraquitã, Santarém - PA
- Banco Palmas, Fortaleza - CE

- Beneficiamento de algas, Fortaleza - CE
- Sisteminha Integrado Prod. Alim, Teresina PI
- Cirandando , Salvador - BA
- Librario - UEMG, Belo Horizonte - MG
- Mobilização Comunitária Tecnologia Social, São Paulo - SP
- Instituto Elos- Jogo Oasis , Santos SP

4- Mestres e Artesãos da Cultura Tradicional

- Ação Cultural , Cuiabá - MT
- Quintal da Aldeia , Pirenópolis - GO
- Centro de Medicina Indígena, Manaus - AM
- Circo de todo mundo, Belo Horizonte - MG
- Tear Cultural, Major Sales - RN
- Coco de Umbigada , Olinda - PE
- Coco de Arcoverde, Arcoverde - PE
- Liberdade é Barra , Salvador - BA
- Santo Amaro, Salvador - BA
- Instituto Brincante , São Paulo - SP

5- Ecovilas e Comunidades

- Vila Yamaguishi, Jaguariúna - SP
- Arca verde , São Francisco de Paula - RS
- Conjunto Palmeiras, Fortaleza - CE
- Piracanga - Centro e Ecovillage, Itacaré - BA
- Terra Una , Liberdade - MG
- Comunidade Dedo Verde , São Paulo - SP
- Projeto Criança Fala , São Paulo - SP
- Instituto Pindorama, Friburgo - RJ
- Rede BEM - Engenho do Mato , Niterói - RJ

Previsão Orçamentária

Itens	Valor unitário	Valor total
Customização do Carro*	R\$0,00	R\$4.000,00
Consumo de Combustível	3,70 (1L/10km)	R\$4.000,00 (10.000Km)
Reserva para Manutenção do carro	R\$0,00	R\$2.000,00
Equipamentos e Acessórios de filmagem	R\$0,00	R\$4.000,00
Construção do Site e Material Gráfico	R\$0,00	R\$2.000,00
Alimentação da Equipe	R\$2.000,00 (mensal)	R\$12.000,00 (período seis meses)
Seguro Viagem da Equipe	R\$250,00 (mensal)	R\$1.500,00
		Total: R\$29.500,00

*A hospedagem fica garantida pela customização do carro que inclui uma barraca de camping acoplada.

Plano de Viabilidade

Os meios que identificamos para gerar a viabilidade financeira para a realização da proposta são:

- Aprovação do projeto na Lei Rouanet de Incentivo Fiscal à Cultura
- Patrocínio direto com Instituições ligadas aos setores de pesquisa que este projeto contempla e Empresas com perfil de apoio semelhantes aos da Proposta.
- Patrocínio direto com pequenas empresas locais
- Participação em Editais e Prêmios direcionados para o fomento à inovação social como um todo e também para cada uma das categorias pesquisadas
- Através de uma campanha de Crowdfunding

Conclusão

Como conclusão que este trabalho apresenta está a necessidade de construir uma percepção da gestão da inovação social que tenha em suas linguagens a própria desconstrução de um foco pautado somente nos objetivos e resultados. Esta é uma forma de reproduzir os mesmos mecanismos sociais hegemônicos aos quais estamos habituados socialmente. Estes automaticamente excluem uma percepção alinhada ao pensamento sistêmico, que busca por sua vez uma leitura integral de todos os fatores que compõem o movimento da inovação social. Incluindo em si uma diversificação de linguagens e de possibilidades de interpretação e interação.

A proposta do projeto Rota do Amanhecer apresentada neste trabalho intencionou trazer os valores e processos vivenciados pelos indivíduos e grupos na criação, formação e desenvolvimento de iniciativas de inovação social por todos o País.

A escolha deste recorte se deu a partir da minha práxis como produtora cultural em interação com o desenvolvimento de inovações sociais no bairro onde moro, quando senti a necessidade de partilha com outros inovadores a partir dos desafios correntes no cotidiano de trabalho. Indo muito além das perspectivas dos objetivos e dos resultados aos quais outros inovadores estariam alcançando em suas iniciativas.

A partir da busca dessas informações as quais pude concluir que são ainda inexistentes ou pouco observadas tendo em vista a sua relevância enquanto conscientização dos fazeres da inovação social, surge a proposta de escuta dos mais variados caminhos de aprendizagem trilhados pelos atores sociais que compõem o campo no Brasil. Conscientizando elementos e características da inovação social em um estudo de comunicação fácil unindo a teoria e a prática.

A relevância da realização de uma pesquisa de campo como essa, se dá não somente pela conexão entre os atores, a divulgação de informações mais amplas e aprofundadas sobre o tema e pelo panorama de tipos diferentes de inovação que hoje são ainda pouco conhecidos ou reconhecidos de forma apartada uma das outras. Mas também pela possibilidade de refletir os processos de transição paradigmática os quais vivenciamos atualmente em escala global. Refletindo sobre os impactos que simples iniciativas locais podem alcançar em ampla escala.

As conclusões teóricas pertinentes a afirmação deste potencial e da percepção que os inovadores têm do seu próprio trabalho e campo fica a cargo da realização prática deste trabalho como proposto nesta pesquisa.

Referências bibliográficas

- BIGNETTI Luiz. *As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa*. Ciências Sociais Unisinos 47(1):3-14, janeiro/abril 2011
- CASAQUI Vander. *A invenção de um país de empreendedores sociais: “Imagina na Copa” e seu projeto de Brasil*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.18, n.1, jan./abr. 2015
- CAPRA, Fritjof .*O Ponto de Mutação*. São Paulo: Ed. Círculo do Livro,1982.
- CAPRA Fritjof e LUISI Pier *A visão sistêmica da vida : uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*. Editora Cultrix São Paulo 2014
- CROFT John. *A Grande Virada: Um Colapso ou uma Ruptura?* Dragon Dreaming Ficha Técnica # 05, 2008
- Economia solidária : Entrevista com Paul Singer*. Estudos Avançados 22 (62), p. 289-314 2008
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MATOSO Rui. *Cultura e Desenvolvimento Humano Sustentável* © Rui Matoso 2010
- MEIRINHOS Manuel e OSÓRIO Antônio. *Colaboração e comunidades de aprendizagem*. Braga
- MORIN Edgar *O Método 4 : habitat, vida, costumes, organização*. Trad. de Juremir Machado da Silva, 4ªED. Porto Alegre: Sulina 2008
- PACHECO, José *Aprender em comunidade*. 1. ed. -- São Paulo : Edições SM, 2014
- Revista Observatório Itaú Cultural / OIC - n. 6, (jul./set. 008). – São Paulo, SP : Itaú Cultural, 008.*
- RODRIGUES Luiz. *Formação e profissionalização do setor cultural caminhos para a institucionalidade da área cultural* pragMATIZES - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura Ano 2, número 3, semestral, setembro 2012
- ROSOLEN Talita, TISCOSKI Gabriela e COMINI Graziella. *Empreendedorismo Social e Negócios Sociais: Um Estudo Bibliométrico da Publicação Nacional e Internacional* Revista Interdisciplinar de Gestão Social jan./abr. 2014 v.3n.1 p. 85-105
- RUBIM Linda (organizadora) , BARBALHO Alexandre, RUBIM Albino. *Organização e Produção da Cultura* [et al] Salvador EDUFBA ; FECOM/CULT, 2005

VECCHIATTI Karin. *Três fases rumo ao desenvolvimento sustentável : do reducionismo à valorização da cultura*. São Paulo em perspectiva, 18(3): 90-95, 2004